



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**A HISTÓRIA DAS PROFESSORAS PIONEIRAS DE TAQUARITINGA  
DO NORTE-PE: MEMÓRIAS E DESAFIOS**

**MARIA ISABEL MARTINS SANTIAGO DA SILVA**

**Campina Grande-PB  
2016**

**MARIA ISABEL MARTINS SANTIAGO DA SILVA**

**A HISTÓRIAS PROFESSORAS PIONEIRAS DE TAQUARITINGA  
DO NORTE – PE: MEMÓRIAS E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

Campina Grande- PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586h Silva, Maria Isabel Martins Santiago da  
A história das professoras pioneiras de Taquaritinga do Norte-  
PE [manuscrito] : memórias e desafios / Maria Isabel Martins  
Santiago da Silva. - 2016.  
63 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Célia de Assis, Departamento  
de Educação".

1.Educação. 2.Professoras pioneiras. 3.História oral. I.  
Título.

21. ed. CDD 371.102 4

MARIA ISABEL MARTINS SANTIAGO DA SILVA

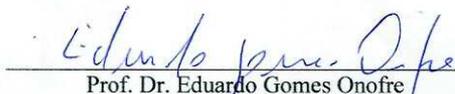
**A HISTÓRIA DAS PROFESSORAS PIONEIRAS DE TAQUARITINGA DO NORTE –  
PE: MEMÓRIAS E DESAFIOS**

Aprovada em 20/10/2016

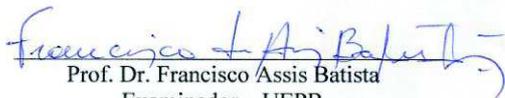
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Célia de Assis  
Orientadora – UEPB



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre  
Examinador – UEPB



Prof. Dr. Francisco Assis Batista  
Examinador – UEPB

Campina Grande – PB  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

*Primeiramente a Deus, por cada dia vivido, pelos aprendizados e conquistas ao longo da caminhada, pois sem Sua presença me impulsionando para seguir adiante, não teria chegado até aqui. Por isso Senhor obrigada por tudo!*

*Aos meus pais, Heleno Fausto da Silva e Otávia Leandro Martins Santiago da Silva, em especial à minha Mãe por ser e sempre será minha grande incentivadora, seguirei seu exemplo enquanto profissional da educação, enquanto mulher guerreira, enquanto mãe amável e cuidadosa. Por tudo isso Mãe, és a inspiração de minha vida! A ti Mãe, sou grata por tudo que fizeste por mim.*

*Aos meus irmãos: André Luís Martins Santiago da Silva e Maria da Conceição Martins Santiago da Silva.*

*Ao meu sobrinho Pablo Luís Henrique dos Santos Silva.*

*Ao meu amor Michel Ângelo Lima e Silva por ser tão especial e importante na minha vida.*

*A Profa. Maria Célia de Assis, que aceitou esse desafio e só a partir de então pude ir a diante, pela importante colaboração para a conclusão dessa etapa na minha vida e, em seu nome, agradeço aos demais mestres que passaram e contribuíram com os seus ensinamentos ao longo da minha formação.*

*A cada um dos meus colegas de sala pelas experiências de vida trocadas no decorrer da nossa caminhada acadêmica, em especial, a Bruna, a Eunice, a JaneKele e a Raquel pelo acolhimento e companheirismo, são grata por tudo isso e pela amizade recíproca, levarei vocês sempre em meu coração.*

*Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente, que estiveram ao meu lado me incentivando e almejando comigo as conquistas alcançadas.*

*Muito obrigada!*

## LISTAS DAS FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>FIGURA 1</b> -Mapa da região.....   | 12 |
| <b>FIGURA 2</b> -Bandeira do município de Taquaritinga do norte.....                 | 15 |
| <b>FIGURA 3</b> -Foto do Grupo Escolar Clara Camarão.....                            | 20 |
| <b>FIGURA 4</b> - Foto do Grupo Escolar Clara Camarão - Hasteamento da Bandeira..... | 20 |
| <b>FIGURA 5</b> -Foto: Decreto nº 168/1972 – Prefeito Antônio Barbosa de Lucena..... | 22 |
| <b>FIGURA 6</b> - Foto: Art. 2º 169/1972 – Prefeito Antônio Barbosa de Lucena.....   | 23 |
| <b>FIGURA 7</b> -.Momento Cívico no Grupo Escolar Clara Camarão.....                 | 27 |
| <b>FIGURA 8</b> -Foto Comemoração07 de setembro.....                                 | 29 |
| <b>FIGURA 9</b> - Foto Inácia Maria de Oliveira(Professora leiga).....               | 29 |
| <b>FIGURA 10</b> -Foto Dia do Final de Ano.....                                      | 31 |
| <b>FIGURA 11</b> -Foto do último dia de aula.....                                    | 31 |
| <b>FIGURA 12</b> -Foto Maria Anunciada Pereira.....                                  | 32 |
| <b>FIGURA 13</b> – Foto Frente do Grupo Escolar Clara Camarão 1951.....              | 46 |
| <b>FIGURA 14</b> - Foto - Lateral Frente do Grupo Escolar Clara Camarão 1951.....    | 47 |
| <b>FIGURA 15</b> - Foto: Turma de alunos de José Valdivino de Araújo.....            | 55 |

## RESUMO

O estudo monográfico intitulado “A história das professoras pioneiras de Taquaritinga do Norte – PE: desafios e memórias” é o resultado de um trabalho final de graduação em Pedagogia, cujo objetivo é apresentar as primícias da história da educação de Taquaritinga do Norte – PE, a partir das histórias de vida das professoras pioneiras, no sentido de resgatar as suas vivências e seus desafios. Tais relatos orais compreendem a História da Educação nos anos de 1940 a 1970. Em virtude da escassez de documentos oficiais, referentes à história da educação do município, houve a opção pela história oral, por meio da entrevista semiestruturada, como método de coleta de dados, analisados e interpretados através da pesquisa qualitativa, alicerçada na etnografia com uso de Histórias de Vida. Participam da pesquisa, quatro professoras e um aluno. Além das entrevistas, o trabalho é constituído por dados históricos sobre a origem da cidade e os aspectos referentes à sua localização, material documental do arquivo histórico de Taquaritinga do Norte – PE e fotografias desse período enriquecendo a pesquisa. Portanto, acredito ter conseguido alcançar o objetivo proposto, isto, é relembrar recontando a história das professoras pioneiras, leigas de Taquaritinga do Norte – PE.

**Palavras chave:**Educação. Professor. História oral.

## ABSTRACT

The monograph study titled “The story of pioneer teachers of Taquaritinga do Norte – PE: challenges and memories” is the result of a final course assignment of Pedagogy’s graduation with the purpose of introducing a small part of Taquaritinga do Norte’s story education, from the life’s stories of pioneering teachers with the purpose of redeem their experiences and challenges. Those oral reports help us to understand the education’s story from 1940 to 1970. With the absence of official documents about the education’s story in town, there were the option to talk to old teachers by semi-structured interviews, collecting information analyzed and interpreted by qualitative interviews anchored ethnography with the use of life’s stories. Four teachers and a student are part of the search. Beyond the interviews, the assignment is constituted by historical dates about the city’s source and aspects of the city’s localization, documentary material of the historic file of Taquaritinga do Norte – PE and photographs of this period upgrading the search. So, I believe I reached the purpose of remembering and telling the story of pioneering teachers whose didn’t have any graduation in Taquaritinga do Norte – PE.

**Keywords:** Education. Teacher. Oral Story.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>09</b> |
| <b>1 REVISITANDO A HISTÓRIA DE TAQUARITINGA DO NORTE – PE.....</b>              | <b>11</b> |
| <b>2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE TAQUARITINGA DO NORTE – PE:<br/>1940-1970.....</b> | <b>16</b> |
| <b>3 UMA BREVE BIOGRAFIA DAS PROFESSORAS PIONEIRAS.....</b>                     | <b>26</b> |
| <b>4 METODOLOGIA.....</b>   | <b>34</b> |
| 4.1 PESQUISA QUALITATIVA.....   | 34        |
| 4.2 ABORDAGEM ETNOGRÁFICA.....  | 34        |
| 4.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....   | 36        |
| 4.4 COLETA DE DADOS.....  | 36        |
| 4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....                                      | 38        |
| <b>5 AS PROFESSORAS E SUAS HISTÓRIA DE VIDA.....</b>                            | <b>39</b> |
| 5.1 O que revelam as professoras sobre as suas vidas na educação.....           | 39        |
| 5.2 Os relatos da professora Maria Anunciada Pereira.....                       | 40        |
| 5.3 O que pensa a professora Severina Coelho de Arruda.....                     | 43        |
| 5.4 Os relatos da professora Inácia Maria de Oliveira.....                      | 50        |
| 5.5 Os relatos do aluno José Valdivino de Araújo.....                           | 53        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>57</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>59</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>  | <b>63</b> |

## INTRODUÇÃO

Nosso interesse por essa temática se deu em virtude de que a História da Educação em Taquaritinga do Norte – PE, não tem registrado os dados referentes à constituição de um sistema público de educação escolar nesse município desde os seus primórdios até aproximadamente 1970. Assim, faz-se necessário uma pesquisa de campo com o intuito de obtermos os dados utilizando a História oral como recurso metodológico, haja vista reconhecermos que este método é uma fonte valiosa no sentido de poder recuperar a História da educação nesse município através da História Oral e dos documentos que for possível encontrar.

Desse modo, **o nosso objetivo consiste em apresentar as primícias da história da educação de Taquaritinga do Norte – PE, a partir das histórias de vida das suas professoras pioneiras, no sentido de resgatar as suas vivências, os seus desafios.** Sendo assim, o trabalho evidenciará as memórias das antigas professoras leigas e um alunos, numa perspectiva de estudo das memórias, para que, em um dado contexto histórico, possamos entender a historiografia no campo educacional desse município, trazendo as histórias de vida escolar e os pontos históricos como fatores de avanço para formação escolar dos indivíduos tendo como recorte espaço-temporal o período de 1940 a 1970, abordando assim as alguns recortes das primícias da história educacional neste município pernambucano.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema estudado, com o intuito de fornecer ao leitor dados em relação ao assunto em questão. A pesquisa se baseou em levantamento empírico a respeito da História da Educação em Taquaritinga do Norte-PE.

Após o recolhimento do conteúdo analisamos os diferentes relatos dos autores da dessa história. Tendo em vista que, a pesquisa através de livros, não ter suficiente para os dados necessários, utilizamos à História oral para produção do nosso estudo.

Desse modo, através da pesquisa e fontes coletadas, buscamos a compreensão do início da história da educação local, não vista de forma isolada, mas de maneira contextualizada, no sentido de articular saberes e a compreensão das condições sociais, econômicas e políticas que tanto influenciaram o desenvolvimento educacional no município de Taquaritinga do Norte-PE.

Diante do nosso interesse em trabalhar a referida temática, realizamos por meio de rodas de conversa, no ceio da família, junto aos mais velhos do lugar, que contavam as histórias na época em que as escolas funcionavam em residências, bem como, o processo de evolução educacional ao longo da história.

Posto isto, as contribuições desse estudo para a cidade de Taquaritinga do Norte-PE ocorre no campo da História da Educação, a partir das histórias de vidas e memórias dos entrevistados, tornando-se posteriormente um objeto de estudos nas escolas do município, para que a sociedade Nortetaquaritinguense conheça suas raízes educacionais, em meio à história.

Para tanto, o nosso fio condutor, metodologicamente é a História Oral, as narrativas de vida dos sujeitos entrevistados, suas experiências no âmbito social/escolar. Além das fontes orais, constituem-se ainda registros dessa pesquisa documentos oficiais, leis, fotografias, de antigos professores, alunos que fizeram parte dessa história.

Cabe-nos ainda lembrar que, esse estudo visa resgatar as memórias dos cidadãos que fizeram parte do processo de ascensão educacional no município de Taquaritinga do Norte, mostrando a importância da preservação e da recordação do passado. Para tanto, efetuamos uma análise minuciosa e crítica das narrativas orais e as utilizamos como fontes principais dessa pesquisa, as mesmas foram gravadas e posteriormente foram transcritas e transformadas em objetos visuais tendo o propósito de adequar as exigências de um trabalho científico.

Portanto, os aspectos abordados na oralidade dão alicerce ao foco deste trabalho, destacando nos relatos: histórias de vida das pessoas entrevistadas (professoras sem formação e um aluno) do período histórico datado de 1940 a 1970 referentes a uma breve história das primeiras manifestações educacionais no município de Taquaritinga do Norte

## 1 REVISITANDO A HISTÓRIA DE TAQUARITINGA DO NORTE – PE

O nome Taquaritinga é de origem indígena. Durante muito tempo foi escrito Taquaritinga, como se fosse corruptela do vocabulário indígena – Itacoaratetinga composto de ita = a pedra, coara = buraco, eté = grande, tinga = branca. Conforme o tupólogo Alfredo Carvalho, (Araújo, 1993) significando “buraco da grande pedra branca”. No que discorda o historiador Mário Melo, (Araújo, 1993) ao afirmar que o nosso toponímio é originário de taquari = espécie de bambu fino, vegetal oco diminutivo de Taquara, taboca é do tupi, planta oca, de haste furada, Taquari + tinga = Taquari branco, carinhosamente a taboquinha branca que avulta na serra da Taquara.

O povoado de Taquaritinga do Norte iniciou-se em meados do século XVIII, no local de uma taba indígena dos Carapotós, cujas terras foram dadas pela coroa portuguesa a D. Maria Ferraz de Brito, que não podendo cultivá-las sozinha, resolve loteá-las, vendendo-as e distribuindo-as entre moradores, o que facilitou o crescimento do núcleo populacional, sendo construída uma capela em (1790) para culto religioso do catolicismo, sob a invocação e devoção de Santo Amaro padroeiro local (SILVA, 1993, p.19).

A história da paróquia de Santo Amaro vem de braços dados com o período de povoação do município de Taquaritinga do Norte. Tudo começou entre os anos 1801 e 1815 quando o povo fez solicitar ao Bispo de Olinda da época, Dom José Joaquim para a criação de uma freguesia, uma vez que há dez anos a capela de Santo Amaro já havia sido erguida.

O pedido logo foi deferido, e a paróquia tornou-se sede de mais quatro capelas: a de São José da cidade de Vertentes; a de Nossa Senhora da Conceição, na Lapada; a de Bom Jesus na Santa Cruz e, a de Santo Antônio, em Jacarará. Mais tarde a nova freguesia se transforma em Matriz ainda pertencente à Comarca de Limoeiro. Na época a freguesia regia várias capelas de várias cidades, as quais podem citar: Santa Cruz do Capibaribe, Poço Fundo, Santa Maria do Cambucá, entre outras. (SILVA, 1993, p.47).

Em 1812 iniciou-se o trabalho de reconstrução da antiga capela que por demorar muito a finalização da obra veio a desmoronar. Então, só em 1860 com a ajuda do povo, retomaram os trabalhos de reconstrução que duraram cerca de oito anos para conclusão. A Paróquia já pertenceu ao bispado de Olinda, Recife, Nazaré da Mata e só no ano de 1963 passou a pertencer a Diocese de Caruaru.

Nos idos de 26 de maio de 1877, pela Lei Provincial n 1.260, Taquaritinga é elevada à categoria de Vila e ao mesmo tempo Comarca, com jurisdição em todo território desta

freguesia, instalada dois anos depois, em maio de 1879 no consistório da capela de São José das Vertentes.

Em agosto de 1886, a Vila de Taquaritinga do Norte é elevada à cidade, pela Lei Provincial n 1895, de 10 de maio de 1887, data correta da Emancipação Política do município. No mesmo ano (1887), Taquaritinga aparece em notícia do Diário de Pernambuco com um registro oficial de 174 escravos distribuídos entre seus donos (SILVA, 1993, p.23).

O município conta com uma área de 448,6 km<sup>2</sup> (0,46% da área de Pernambuco). Está localizado na microrregião do Alto Capibaribe e na mesorregião do Agreste Setentrional Pernambucano, a 164 km da capital Recife. Composto pelos distritos sede, Gravatá do Ibiapina e Pão de Açúcar e pelos povoados de Vila do Socorro, Jerimum, Mateus Vieira e Algodão.

Localiza-se a uma latitude 07°54'11 sul e a uma longitude 36°02'39 oeste, estando a uma altitude de 785 metros, na cidade e 1086 no topo da serra. Com área da unidade territorial de 475,183km<sup>2</sup>. Sua população estimada em 2014 é de 27.188 habitantes e em densidade 52,41 hab./km. Temperatura de 18°C (média) caindo para menos de 15°C durante os meses de junho a agosto e chegando a 10°C em muitas noites desses meses. p.Conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) atualizados em 2015.

### MAPA DA REGIÃO



Fonte: Google Maps

**FIGURA 1 –MAPA DA REGIÃO**

A vegetação predominante no município no semiárido é a caatinga, na sede, mata atlântica, hortaliças, pastagens, árvores frutíferas. Suas principais atividades econômicas são: agricultura, pecuária e industrial, em sua maioria do tipo têxtil e confecções de vestuário.

Entre os símbolos oficiais da cidade, Taquaritinga do Norte possui o hino em homenagem à cidade, cujo compositor é Rafael de Lemos Araújo e, o hino à bandeira do município, composição de José Jurandir Coelho e música de Jardel Pereira de Souza.

## HINO DE TAQUARITINGA DO NORTE

### I

A quem chega aos céus da Taquara  
Logo a brisa ameniza o calor  
E avistando esta verdura rara  
Esse oásis de grande valor  
Reconhece de Deus a bondade  
Gentileza do seu coração  
Pois que as fontes da cidade  
Abastecem de água o sertão.

### Coro

Água aqui, fruta ali  
Gado e café,  
Tuas flores e mais a nobreza  
Do teu povo de raça e de fé

### II

Encravada bem na caatinga,  
Tens na altura o fator de exclusão,  
Do teu nome oh Taquaritinga  
O Tupi vem nos dar a lição:  
Da taboca se fez o instrumento  
Com que o índio louvava Tupã,  
Inspirando o sentimento  
Dos que fazem o Brasil de amanhã

### Coro

Água aqui, fruta ali  
Gado e café,  
Tuas flores e mais a nobreza  
Do teu povo de raça e de fé

### III

Teu bom clima, teu céu sempre claro,  
Que o turismo veio descobrir,  
Tuas festas ao bom Santo Amaro,  
Com as promessas que vêm cumprir,  
São o orgulho da nossa cidade,  
A grandeza de nosso torrão,  
Pois pequena, na verdade  
És bem grande em nosso coração.

### Coro

Água aqui, fruta ali  
Gado e café,  
Tuas flores e mais a nobreza  
Do teu povo de raça e de fé

## HINO OFICIAL DA BANDEIRA DE TAQUARITINGA DO NORTE

### I

Rugem os ventos, desce a brisa  
Lá no alto em cores vivas  
É a nossa bandeira, símbolo nosso  
Que ostenta a beleza desta terra  
Retratando nossos valores  
Para a memória de gerações futuras  
Das grandes lutas em prol de ideais  
De civismo, bravura e paz  
Deus prospere esta nação  
Taquaritinga, te amamos de coração!

### II

Os cafezais em meios às cores  
Traduzem riquezas dos vencedores  
É a nossa bandeira, símbolo nosso  
Faz bater forte os nossos corações  
Sob o vento, sol ou temporal  
Continuará, sempre será um sinal  
De nossa gente ativa e hospitaleira  
De uma terra encravada em meio às serras  
Deus prospere esta nação  
Taquaritinga, te amamos de coração!  
Deus prospere esta nação  
Taquaritinga, te amamos de coração!  
Taquaritinga, te amamos de coração!



**FIGURA 2 – BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARITINGA DO NORTE**

Fonte: Wikipédia a Enciclopédia Livre

## 2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE TAQUARITINGA DO NORTE – PE:1940-1970

Não podemos ir adiante ao estudo de uma educação, em escala municipal/local, sem antes entendermos como funcionava o sistema educativo em seu cenário nacional, por isso, é necessário avançarmos, mas antes de tudo compreender o todo.

Assim, trataremos ainda sobre os aspectos referentes ao período das Escolas isoladas; Grupos escolares; Manifesto dos pioneiros da educação e o Brasil Estado Novo (1937-1945). Desse modo, o ensino primário no Brasil passou por muitas reformas, nos anos de 1946 foi criada a Lei orgânica do ensino primário, conforme Decreto-Lei nº 8.529 e a Lei orgânica do ensino normal foram promulgadas na mesma ocasião em 2 de janeiro de 1946. De acordo com Piletti (1990), o ensino primário art. 1º tinha por finalidade proporcionar a iniciação cultural. A formação e desenvolvimento da personalidade. Elevar o nível dos conhecimentos necessários à vida na família, a defesa da saúde e a iniciação para o trabalho.

Nessa abordagem enfatizamos que, a Constituição Federal de 1946 reconsidera o regime democrático no país. Assim, reintroduz o direito de todos à educação no ensino primário obrigatório, a assistência aos alunos e a gratuidade oficial para os indivíduos independente de sexo que desejassem estudar.

Nesse sentido, “a escolarização primária foi dividida em duas categorias: o ensino primário fundamental para as crianças de (7) sete a doze (12) anos e ministrado em dois cursos sucessivos: o elementar com duração de quatro anos e o complementar de um ano”. Além do ensino supletivo para os adolescentes e adultos (PILETTI, 1990, p.92).

Sendo assim, nos anos de 1961 foi promulgada a Lei n 4.024/61, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em todos os níveis, do pré-primário ao superior. Por conseguinte, a estrutura da educação nos anos 1970 abrange quatro aspectos: a educação pré-primária destinada para menores de até sete anos e ministrada em escolas maternas ou jardins de infância.

Nesse contexto, o ensino primário consta de no mínimo de quatro séries, anuais, e o ensino médio em dois ciclos, o ginásial de quatro anos e o colegial de três anos. As modalidades do curso ginásial ou colegial abrange o curso secundário, o técnico, o comercial, o industrial, o agrícola e, outros cursos desde que fosse regulamentado oficialmente, e particularmente, o curso normal para as professoras, direcionado ao ensino primário e o pré-primário.

Quanto ao ensino superior, - curso de graduação e pós-graduação em especialização além de aperfeiçoamento e extensão-, é ministrados em estabelecimentos, agrupados ou não em universidades, com a cooperação de institutos de pesquisas e centros de treinamento profissional.

A respeito da progressão dos alunos é importante citarmos que, a passagem do 1º grau para o 2º grau é feito através de exames de conhecimentos. Em 1971, suprimiu-se o exame de admissão para o ingresso no curso ginásial, assim como, a fusão do ensino primário e do ginásial em um único nível de ensino.

Na busca por articularmos a inter-relação da memória e história, através de aspectos como temporalidade, narrativas de vida, para compreensão de um processo histórico/social, é nosso propósito dar ênfase às primícias da história educacional do município de Taquaritinga do Norte. Para tanto, abordaremos as narrativas de vidas de professores, ex-alunos, munícipes que vivenciaram experiências durante o período de história a ser ressignificado ao longo deste item, assim, contribuindo com a pesquisa em História da Educação, como também, compreendendo os aspectos culturais e sociais locais.

Com base nos estudos efetuados a história da educação de Taquaritinga do Norte se constitui em dois períodos: **Primeiro período: o das escolas isoladas**, nas primeiras décadas do século XIX. Neste período, buscamos subsídios para compreender: Como eram as escolas isoladas? Como se caracterizavam? Qual o perfil dos (as) professores (as) que nelas atuavam? E o público atendido? **O segundo período, os grupos escolares**, ou seja, marco, do início da educação propriamente dita, o ensino, com a construção do primeiro grupo escolar, denominado “Grupo Escolar Clara Camarão”, em virtude da necessidade da criação de escolas devido ao crescimento populacional (HOLANDA, 1981).

Embora, o processo de escolarização, no município de Taquaritinga do Norte, seja considerado nas primeiras décadas do século XIX, através das escolas isoladas, não consta em nenhum registro oficial ou nos livros históricos do município. No entanto, encontramos subsídios no livro Fragmentos da História Nortetaquaritinguense, capítulo 9, subtítulo 9.1, Educação e Cultura – 1<sup>as</sup> professores, páginas 199, 200 e 201, da educação municipal nos anos de 1880 a 1950. Ainda nos referido ao livro, as páginas 202 e 203, em anexos, faz referência ao Grupo Escolar “CLARA CAMARÃO” Monumento Cultural, primeiro grupo escolar do município (HOLANDA, 1981).

A história pode ser contada através de diferentes olhares, dependendo do pesquisador/historiador. Entretanto, podemos nos colocar nessa posição, porém, desde que

tenhamos conhecimentos empíricos, capazes de nos embasarem teoricamente, dando-nos uma nova visão do passado, do tempo e do espaço.

**Em primeiro lugar, o período das escolas isoladas** ou casas escolas como são denominadas pelo conhecimento empírico, eram estabelecimentos de ensino primário, em localidades rurais, freguesias, distritos, que funcionavam com a responsabilidade de uma professora, para exercer o magistério. A maioria das escolas isoladas funcionava tanto na residência das professoras, como, em casas de munícipes, que disponibilizavam os locais para seus filhos e demais crianças de uma determinada localidade estudar o ensino primário. Muitas vezes eram escolas com classes multisseriadas, isto é, alunos de diferentes faixas etárias.

**Em segundo lugar, o período dos grupos escolares**, que, significativamente contribui com o desenvolvimento educacional em Taquaritinga do Norte – PE.

O primeiro é o denominado “**Grupo Escolar Clara Camarão**”, uma homenagem a esposa de Felipe Camarão, companheiro de lutas e ideais libertadores do período da Insurreição Pernambucana. A sua inauguração deu-se em 1945, pelo atual prefeito Severino Cordeiro de Arruda, com recursos municipais. O prédio pertencia à prefeitura, porém foi cedido ao Estado. O mesmo apresentava uma estrutura física moderna aos olhos da população daquela época,

A primeira diretora nomeada para administrar o referido grupo escolar é a professora Vespertina Machado. O quadro de professoras nesse ano, de 1945 se compõe de profissionais formadas, advindas de Recife-PE, haja vista, Taquaritinga do Norte – PE não possuir professores formados. Entre as titulares se destacam: Berenice Bastos, Lili Andrade, Brunilde Figueiroa Faria, Nadir Figueiredo, Maria de Lourdes Tasselli de Macedo e Celeste Pires. Além das professoras do município: Maria de Lourdes Santos, Maria Pereira, Olívia Farias de Figueiredo, Maria do Socorro Tavares, Donatila Paes de Andrade (Nena), Ádaurea Santos.

Neste primeiro ano de funcionamento, 1945, o grupo conta com uma matrícula inicial de 253 alunos. Quanto aos conteúdos estudados: Práticas educativas do campo; plantação de verduras, flores, legumes e demais produtos da região; bordado; tricô; confecção de cestos; balaios; Produção de tintas vegetal e mineral, práticas desenvolvidas com responsabilidade, eficiência, zelo e amor. Por tudo isso se tornou uma educação de referência na comunidade.

Em 1947 é fundado o conjunto orfeônico contando com 90 alunos sob a direção das professoras Caminha Arruda e Maria Pereira. Nesse ano a matrícula geral foi de 336 alunos.

Nessa época as atividades cívicas, as exposições dos trabalhos manuais, dramas e festas sociais além das noites de maio marcaram essa Escola pela dedicação de seus mestres dedicando educação e instrução.

Nos anos de (1963-1967), o grupo Escolar Clara Camarão passa a chamar-se Grupo Escolar “Professor Luiz Carlos”. Ele perde o nome, porém, continua como referência na excelência do ensino, certamente por ser ministrado por mestres competentes.

Na gestão do prefeito Benedito Ernesto Silvano (1973-1975) a Lei nº 963 de 19-11-1974 autoriza o funcionamento do 1º e 2º Graus, pela Portaria nº 3.126 de 31.12.1974, passando agora chamar-se Escola Severino Cordeiro de Arruda 1º e 2º Graus.

Por conseguinte, nesse ano a escola recebe material didático permanente, fardamento para o alunado e funcionários. Além disso, a escola passa por reformas hidráulicas e também é pintado pela doação do Senhor Severino Pereira. O Benfeitor, em 15 de julho de 1975.

Em seguida, a Portaria nº 1.118 estende suas atividades às cidades de Gravatado Ipiapina e Pão de Açúcar, autorizadas pela Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 1.072, art. 4º. Porém, em 1976 a Escola deixa de atender os alunos do 2º Grau por dificuldades financeiras da prefeitura, permanecendo apenas o 1º Grau menor de 1ª a 4ª série. Os demais alunos foram distribuídos em escolas da sede e, os professores são dispensados.

Em 31 de agosto de 1976 o governador do Estado Dr. Francisco de Moura Cavalcante e o Secretário da Educação Dr. José Jorge de Vasconcelos reabrem e estadualizam a Escola Severino Cordeiro de Arruda. Imediatamente inicia o funcionamento com uma matrícula inicial de 800 alunos recebendo a farda marrom e branca como presente do benfeitor o Senhor Pereira.

Nos anos de 1992, a escola atende alunos do 1º e 2º Graus em horário integral com turmas desde o pré-escolar até o 3º ano do 2º Grau e o Supletivo num total de 746 alunos matriculados e 32 professores; 01 coordenador de área; 04 agentes administrativos; 09 auxiliares de serviços gerais; 02 coordenadores centrais; 02 bibliotecárias.



Figura: 3 - Foto do Grupo Escolar Clara Camarão  
Fonte: Pesquisadora (2016)

A imagem retrata elementos de uma construção de uma instituição escolar segundo os modelos da época. Esse tipo de arquitetura revelava a opulência do lugar. O que interessava era mostrar ao público a obra que ali estava sendo estabelecida em benefício da população. Foi uma obra que marcou tanto a história da Educação nesse lugar como a dos governantes da época.



Figura 4 - Foto: Grupo Escolar Clara Camarão - Hasteamento da Bandeira em 07 de setembro de 1961.  
Fonte: Acervo pessoal da Sra. Maria Dorotildes de Menezes Loureiro

Nesta imagem revela a predominância dos valores cívicos que mais tarde tendem a se tornar um ato de civismo e de obrigação para os cidadãos com a instauração da ditadura

militar nos anos de 1964 e o controle sobre a educação e os professores. A repressão e a ausência dos diálogos em relação à melhoria da educação.

O segundo denominado **Grupo Escolar Presidente Médici**, inicia o seu funcionamento no ano de 1964, com o nome de Escola Isolada Pão de Açúcar. Sua primeira professora é Agripina Soares Veras, nomeada interinamente, no dia 28 de agosto de 1964, através do ato N° 1356 0U 5613 do Exmo. Sr. Governador do Estado (Cad. N 143). De 1964 a 1969 a escola funcionou em um prédio alugado, pertencente ao Sr. José Clemente da Silva, localizado á Rua Travessa S. José s/n. Em 14 de maio de 1965, foi nomeada a segunda professora, Maria Marluce Martins Leite, para ocupar a cadeira n 947, através do Ato n 2.742, do então governador Dr. Paulo Pessoa Guerra.

Posteriormente, foi nomeada a professora Maria José de Holanda Farias Curvelo, que, após dois anos na referida escola, é transferida para o Grupo Sede. Em seguida foi nomeada a professora Iracema do Carmo Farias. Assim, a escola continua funcionando com três professoras.

Em 1970, a escola deixou de funcionar em prédio particular e passou para o Grupo Escolar Municipal por solicitação do então Prefeito do Município, Coronel Antônio Barbosa de Lucena. Destacam-se ainda nessa década os documentos abaixo para regulamentação da educação:

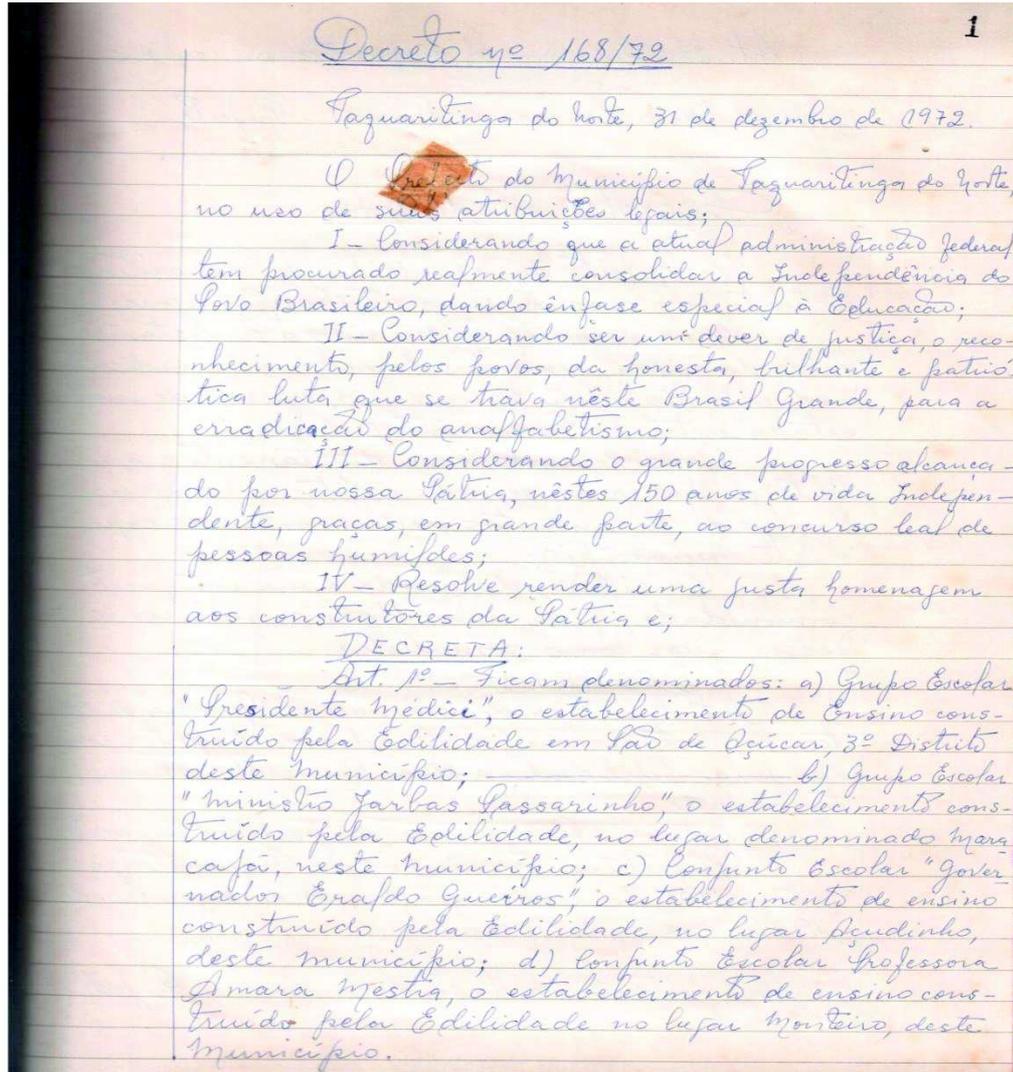


Figura 5 - Foto: DECRETO Nº 168/1972 – Prefeito Coronel Antônio Barbosa de Lucena.  
Fonte: Acervo Público da Prefeitura Municipal de Taquaritinga do Norte-PE

Com esse documento consagram-se as primeiras instituições educacionais nesse município. Além disso, percebe-se as localidades e o nome que cada grupo escolar recebeu: a) Grupo Escolar Presidente Médici funcionava no distrito de Pão de Açúcar; b) Grupo Escolar Ministro Jarbas Passarinho funcionava no sítio Maracajá; c) Conjunto Escolar Governador Eraldo Queiros funcionava na comunidade do Açudinho; d) Conjunto Escolar Professora Amara Mestre funcionava no sítio Monteiro.

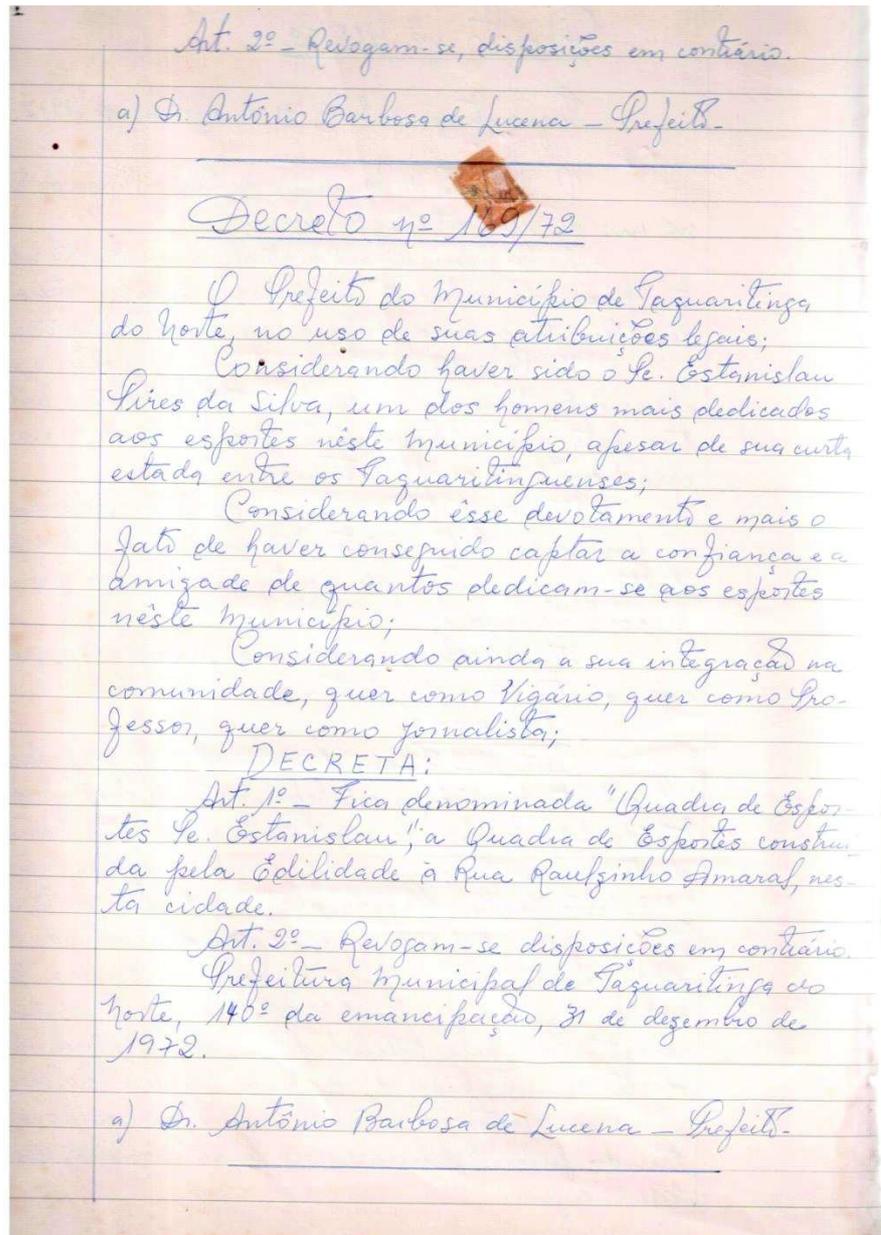


Figura 6 - Foto: ART 2º 169/1972 – Prefeito Coronel Antônio Barbosa de Lucena.  
Fonte: Acervo Público da Prefeitura Municipal de Taquaritinga do Norte-PE

Tais fatos nos chama atenção, principalmente, porque somente em 1972, os grupos escolares são oficializados. A criação dos grupos escolares chama a atenção para um novo modelo de organização escolar que estava a surgir.

Com a inauguração do novo Grupo Escolar a escola passou a ser denominada de Grupo Escolar Presidente Médici e, de acordo com solicitação da professora responsável pela escola ao Sr. Secretário de Educação e Cultura, a escola passou a ser chamada Mínima Presidente Médici, de acordo com a Portaria n 1.216 de 08-06-1973, do então Sr. Secretário de Educação e Cultura, Coronel Manoel Boaventura Cavalcante. No ano de 1974 a professora

Iracema do Carmo Farias fez permuta com a professora Benice Dunda de Araújo, que passou a fazer parte do corpo docente da escola, sob o regime C.L.T.

E o terceiro, o Grupo Escolar José Bezerra de Andrade, fundado em 1966, porém em 1976 o governador Dr. Francisco de Moura Cavalcante pelo Decreto nº 5.709 transforma essa instituição em Escola de 1º Grau Maior. Nos anos de 1992, essa escola funcionava nos dois turnos do pré-escolar ao 8º ano contando com 373 alunos matriculados.

A Escola nesse período contava com 11 professores e 07 funcionários compondo assim a estrutura da organização dos trabalhos educacionais nessa instituição de ensino considerada de suma importância para a formação e instrução da população carente do lugar. Ainda nesse período, inicia-se o curso de preparação ao Exame de Admissão para o curso Ginásio.

Nos anos de 1960 é formada a primeira turma do Curso Ginásial, no Ginásio Severino Pereira, somente em 1967 foi criada a Escola Normal Santo Amaro referente ao 2º Grau. Essa Escola foi de suma importância para a formação das professoras em Taquaritinga do Norte – PE. Nos anos de 1992 essa Escola funcionava como o 1º Grau Maior e o magistério contando com 200 alunos e 18 professores funcionando nos turnos tarde e noite.

Ressaltamos também que, a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CENEC anteriormente denominada de C.N.E.G. Nessa abordagem, em 1974 foram autorizados os Cursos de Enfermagem, Secretariado, Administração de Empresas, Contabilidade a nível médio, e por falta de oportunidade no mercado de trabalho para os alunos, são desativadas.

Nos anos de 1992 essa Escola funcionava como o 1º Grau Maior e o magistério contando com 200 alunos e 18 professores funcionando nos turnos tarde e noite.

As Escolas reunidas foram autorizadas através do Decreto nº 1.165 em 01 de dezembro de 1965. O seu funcionamento deu-se nas dependências do Ginásio Severino Pereira, com um nível de ensino que admitia todas as séries, ou seja, de acordo com o novo modelo atual conhecido como multisseriada. Inicialmente foram matriculados 224 alunos contando com um corpo docente de 17 professores; 01 educador de apoio e 12 funcionários para os demais serviços necessários a escola.

E, por fim, as escolas particulares que durante o ano de 1992, tem como destaque o Instituto Monteiro Lobato oferecendo ensino do Jardim I a 4ª série do 1º Grau, com 71 alunos matriculados. Também merece destaque o Instituto Educacional Geysa Miriam disponibilizando um ensino do Jardim I a 3ª série do 1º Grau, com um total de 108 alunos matriculados. Segundo Reis Filho (1995, p.137), os grupos escolares são criados e sua

organização é decorrente da experiência da escola-modelo, criada por Caetano de Campos, e ajustadas às novas condições urbanas de concentração da população. Assim, para reunir em só lugar um total de quatro a 10 escolas num raio obrigatório de 2 km para o sexo masculino e 1 km para o feminino distante da escola.

A esse respeito nos chama a atenção às políticas educacionais para os grupos escolares, pelas suas características distintas, e pelo processo de expansão desse tipo de instituição existente até o final da década de 1940. É um período considerado de euforia para a educação, principalmente, o ensino primário, por ser um ensino ministrado por professoras leigas, certamente com muitas limitações. Nesse contexto, é importante pontuarmos:

Em primeiro lugar, um número muito reduzido de professora tinha acesso ao estudo nas cidades de Limoeiro, ou Caruaru, cidades onde existiam escolas de ensino secundário e escolas normais destinadas à formação para o magistério. E, as demais, leigas, porque estudaram somente até a 3ª ou 4ª série do ensino primário. Mesmo assim, atuavam como docentes em turmas multisseriadas de estabelecimentos públicos ou particulares. Estas são ex-alunas que se destacaram nos estudos, conhecidas como aquelas que “sabiam mais”, ou seja, que estavam aptas para transmitir o que haviam aprendido. Elas se tornaram funcionárias públicas municipais, e há também aquelas que trabalhavam de modo particular, que, apesar de não ter a formação adequada, ou seja, formação inicial ou continuada, se destacavam e eram respeitadas, sobretudo, pelo amor e dedicação ao ato de ensinar, principalmente as professoras filhas da terra.

E, ao final deste capítulo, não poderíamos deixar de fazer referência ao alunado, quer dizer, são crianças advindas dos bairros periféricos, das vilas e áreas rurais, distritos e sede do município de Taquaritinga do Norte.

### 3 UMA BREVE BIOGRAFIA DAS PROFESSORAS PIONEIRAS.

Destacamos nessa parte do nosso estudo, embora de forma breve, a biografia de 04 (quatro) professoras leigas, pioneiras da educação de Taquaritinga no Norte – PE. São elas: **Severina Coelho Arruda, Luizete da Costa Silva, Inácia Maria de Oliveira, Maria Anunciada Pereira.**

**Severina Coelho de Arruda** é uma das mulheres que se destacou como professora no município de Taquaritinga do Norte. Nasceu em 21 de novembro de 1930, filha de Tomé Pereira de Lucena e Amara Pereira de Lucena. Dona Severina Arruda como é conhecida, estudou apenas até a 4ª série do ensino primário, (atualmente 5º ano) terminando os seus estudos em 1944 com uma professora estadual que veio da capital Recife.

Pelo seu destaque como aluna exemplar, logo é convidada para ensinar a outras pessoas aquilo que tinha aprendido. Estudou a 1ª série, que era carta de ABC até a 2ª série (atualmente 1º ano) com dona Nena irmã de seu Ioiô, tia de Lucinda de Dr. Lucindo. A 3ª série, (atualmente 2º ano) com uma professora estadual, dona Olga. E a 4ª série (atualmente 3º ano), com dona Iracema Mascarenhas de Moraes, professora que vinha do Recife.

O ensino dispensado nessa época era realizado em residências, por isso, as escolas são reconhecidas pelo nome das professoras que ministravam as aulas. Ressaltamos que, era predominantemente uma educação voltada para as crianças da classe popular. Isto porque existia um referencial a ser seguido.

A respeito do local onde funcionavam as escolas, que ela estudou, em 27/03/2016, por meio de uma conversa informal, dona Severina, faz alusão ao que era antes e o que é hoje, ou seja, apesar de em Taquaritinga sempre ter tido muitas escolas, o seu funcionamento era nas residências. Ela lembra de que a escola de dona Nena funcionava na casa ali mais ou menos onde é o Jorge Eduardo; a de dona Olga era onde mora hoje a comadre Suzana, porém, sendo a casa diferente, e a casa em que fez o 4º ano era ali na casa de seu Severino Malaquias, mais sendo outra casa, uma casa mais simples.

Quanto à diferença entre a educação de sua época e atualmente, para ela, na sua época, a educação não era como é hoje. Hoje tudo é, é moderno. Naquela época não tinha, essas matérias todas que hoje tem, era só matemática, português, geografia, história, religião, essas eram as principais.

Nesse enfoque, a idéia de escola é vista como um universo de conhecimentos e aprendizagens necessárias à criança. Distingue-se contexto, a gestão do senhor Severino Arruda, então, prefeito na época, 1952, em possibilitar aos alunos de Taquaritinga estudar em

Limoeiro. Diante disso, dona Severina Arruda passou a trabalhar na contabilidade da Cooperativa Agropecuária que tinha como presidente o Sr. Severino Arruda e vice-presidente o Sr. Osvaldo de Souza, trabalhou na cooperativa nos anos de 1952 e 1953.

Em 1954 ano que se casou, foi nomeada Contadora e Partidora da Comarca de Taquaritinga do Norte. Posteriormente, em 1958, foi nomeada diretora do Grupo Escolar Clara Camarão. Porém alguns anos depois teve que escolher entre um dos dois cargos que ocupava, optando por continuar como Contadora e Partidora da Comarca. Em, 1980 foi aposentada pelo Poder Judiciário.

Foto da época que foi diretora do Grupo Escolar Clara Camarão, doada como lembrança pela aluna Lindalva Xavier da Silva.



Desfile do dia 07 de setembro de 1965.  
Fonte: Acervo pessoal - Severina Coelho de Arruda

#### FIGURA 7 – MOMENTO CÍVICO NO GRUPO ESCOLAR CLARA CAMARÃO

A fotografia é um recurso importante para preservação da memória cultural do país. Conforme a imagem acima, percebemos os valores educacionais retratados da época, como o civismo, a importância dada à escola e as comemorações de cunho cívico. Além disso, destacamos a questão do fardamento escolar, a disciplina como modelo padrão para os indivíduos civilizados de uma sociedade. Dessa forma, a fotografia serve para reconstruir o passado um passado histórico.

**Luizete da Costa Silva**, no contexto dos marcos históricos, do município de Taquaritinga do Norte-PE, também se destaca como professora, pela sua valiosa e significativa contribuição na construção da história educacional e, ao assumir a missão de

ensinar gerações desenvolveu muito bem o seu trabalho. Nasceu em 12 de abril de 1936 e aos 78 anos atualmente se orgulha por ser reconhecida como professora.

Apenas com formação primária, Luizete nos afirmou que quando foi ensinar fez uns estágios com umas professoras que vinham de Nazaré da Mata, onde passavam a semana na sede de Taquaritinga do Norte recebendo orientações acerca do ensino específico para a série que ministrava, assim como, o fazer pedagógico em sala de aula, depois disso ela pode então ensinar.

Começou a exercer a função de professora na sua própria casa, aonde as crianças da vizinhança vinha todos os dias aprender algo com ela, depois ensinou na casa de um compadre. Posteriormente foi ensinar em Varginha e saia todos os dias da Amarela, passava por Pão de Açúcar juntamente com aproximadamente de 08 a 10 alunos e seguiam até a Varginha, todos a pé. Em conversa informal com dona Luizete no dia 27/03/2016, ela relembra o seu dia-a-dia nessa época, ou seja, saia de Amarela, onde morou por 2 anos, ia para Varginha, todos os dias, de segunda a sexta, ensinava e meio dia voltava. Uma turma de meninos a acompanhava. As mães gostavam de colocar seus filhos sob a sua responsabilidade, na escola ou na caminhada. Meio dia ela voltava, deixando cada aluno em sua casa.

Esta é a realidade vivida por dona Luizete, todos os dias, ora caminhando a pé, alguns quilômetros, ora, de jumento ou caronas que encontrava no meio do caminho. Mesmo assim, desenvolve o seu trabalho com competência e responsabilidade, em uma turma multisseriada, alunos das séries da 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>. Para ela, exercer sua profissão era uma satisfação, em especial pelo o interesse e respeito demonstrado pelos seus alunos. Sobre isto, na nossa conversa informal, ela diz que, as escolas de antigamente são muito diferentes das escolas de hoje, principalmente, por perceber os alunos da sua época, melhores, isto é, obedientes, interessados e atenciosos.

Ainda sobre o seu relato, ela ensinou 15 anos durante sua vida profissional e se aposentou como professora, no governo do prefeito Jarbas Pinto, porém ainda hoje sente saudades da escola.

A foto a seguir faz parte do acervo pessoal de dona Luizete, se refere aos desfiles cívicos alusivos às festividades da Independência do Brasil, representando seus alunos e pais.



**Comemoração 07 de Setembro.**  
**Fonte: Acervo pessoal - Luizete da Costa Silva**

Figura 8 – Comemoração 7 de setembro

De acordo com a imagem percebemos que a escola prevalece atrelada as questões políticas da época conforme expresso na fotografia acima. A questão política no Brasil marcou profundamente a educação brasileira influenciando diretamente na vida de muitos indivíduos, seja de maneira positiva ou negativa.

**Inácia Maria de Oliveira** é outra professora que também se destacou na sua missão. Conhecida popularmente como Dona Iná tem a sua história de vida partilhada de experiências e contribuições à sociedade, especificamente, voltadas para a educação e a formação de gerações. Nasceu em 24 de maio de 1929, no sítio Estreito município de Taquaritinga do Norte-PE.



Figura 9- Foto Professora Inácia Maria de Oliveira  
 Fonte: Pesquisadora (2016)

Inácia Maria de Oliveira casou-se com Emídio Hilário de Oliveira, constituiu família teve 12 filhos, porém só 08 são vivos: Maria Auxiliadora; Maria Graciete; Edilene Maria; Marlucia Maria; José Flavio Sobrinho; Luis Flávio de Oliveira; Vera Lucia de Oliveira e Selma Lucia de Oliveira.

Ela estudou até o 3º ano primário (atualmente 2º ano) foi aluna da professora Amara Leandro dos Santos, conhecida por Amara Mestre, como foi uma aluna dedicada e já sabia de muita coisa, os seus vizinhos no sítio Estreito falaram com o prefeito Severino Arruda para que Dona Iná fosse professora naquela localidade, uma vez que existiam muitas crianças precisando aprender. Casada com seu aluno Emídio Hilário de Oliveira, vivem um casamento durante 63 anos de uma união harmônica e pautada de cuidados e compreensão.

Começou a ensinar em 1948 na sua própria casa no sítio Estreito, em uma casa grande ela acomodava todas as crianças, quem quisesse sentar levava um tamborete, o material escolar era por conta própria também, apenas o seu salário, no valor de 100 mil réis, é pago pela prefeitura. Do sítio Estreito, ela é transferida para o sítio São João, depois, para Varginha e por ultimo, para Placas. Costumava colocar seus alunos de castigo quando esses á desobedeciam, os castigos eram ficar de joelho no terreiro no milho, ou em pé no sol quente. Em um conversa informal dona Inácia, no dia 24/03/2101, ela nos fala que, ensinava português, matemática, geografia e ciências sociais. Cada ano era uma matéria. Em relação ao português ensinava, as letras, as sílabas, para depois formar a palavra, ensinava também o A B, C, a contar de 1 até 10, depois até 30. No segundo ano, ensinava aos alunos, somar, diminuir, multiplicar e dividir. No terceiro ano, fração decimal. Assim, a cada ano havia uma matéria a ser ensinada.

O ensino nas escolas dessa cidade restringe-se a um ensino que não pode ser qualificado de bom ou de mau, mas, como o melhor a ser feito diante da realidade existente, isto é, as estruturas físicas dos locais, os recursos didáticos, a formação das professoras e o conservadorismo arraigado presente na sociedade vigente.

Continuando a nossa conversa com dona Inácia, ela nos relata que ensinou e trabalhou muito tempo como telefonista. Aposentou-se com 31 anos de trabalho sem haver usufruído da licença premio, inclusive sem um salário digno para uma profissional responsável e comprometida com a educação.

Dai, considerando a profissão do magistério além de desgastante, estressante e cansativa, o governo reduziu o tempo de trabalho para os professores garantindo o direito de aposentadoria para mulheres de 25 anos de trabalho e homens 30 anos, por entender essa profissão como uma das mais prejudiciais a saúde.

A seguir apresentamos a fotografia que retrata os alunos após exame final chamado de admissão. Os alunos em pé representam todos os que fizeram o exame por essa ocasião, assim sendo aptos. Os menores são da antiga turma conhecida por muitos anos de “Preliminar”, eles aprendiam somente a cartilha do ABC, a contar de 0 a 10, depois até 30. A de vestido florido é a professora que veio aplicar o teste à senhora Maria dos Anjos Curvêlo e ao seu lado Inácia Maria de Oliveira junto com seus alunos.



**Foto: Dia do Exame do final de ano.**  
**Fonte: Acervo pessoal Inácia Maria de Oliveira**

Foto - 10 Dia do exame do final de ano:

Ainda destacamos a imagem do último dia de aula após realização do teste de admissão. À direita Maria dos Anjos Curvêlo e à esquerda Maria de Oliveira junto com seus alunos. Nesse período em questão, tiveram significativas influências as propostas educacionais elaboradas pelos pioneiros da Escola Nova. A ampliação da oferta de educação escolar primária e o combate ao analfabetismo.



**Foto do último dia de aula.**  
**Fonte: Acervo pessoal - Inácia Maria de Oliveira**

Foto 11 – Último dia de aula

Assim, a criação de um sistema de educação nacional são temas frequentes nos discursos da elite política, econômica e intelectual brasileira. Por isso, o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL instituído pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, em que consiste sobre a alfabetização funcional e, a educação continuada de adolescentes e de adultos.

E por último, **Maria Anunciada Pereira**, outra professora, que também contribuiu de forma significativa para a educação do município de Taquaritinga do Norte. Foi mais uma aluna do ensino primário que passou para a docência. Mesmo sem formação específica dedicou 23 anos de sua vida a docência. Nasceu em 25 de abril de 1924. Casou em 1947 com o Arnóbio Galdino Pereira, tiveram 09 filhos, porém só se criaram duas: Benedita de Jesus Pereira e Maria Arlene Pereira. Em uma conversa informal em 24/03/2016, ela nos relata a grande vontade de estudar, no entanto, por falta de recursos financeiros, quer dizer, seu pai não podendo pagar o colégio, não foi possível continuar seus estudos no colégio de Surubim, por que em Taquaritinga não tinha colégio.



**Foto: Maria Anunciada Pereira**  
**Fonte: Acervo pessoal - Maria Anunciada Pereira**

Figura 12: Foto Maria Anunciada Pereira

De acordo com a sociedade da época, a maioria das mulheres devia seguir a profissão de professora, por ser uma profissão considerada além de feminina, ser fácil o acesso ao emprego, principalmente por não exigir o diploma de professora para a atuação pedagógica. A formação é feita com as primeiras professoras, também leigas, porém consideradas competentes, por ser antigas na profissão.

A esse respeito, a professora Maria Anunciada Pereira nos fala sobre a primeira turma que lecionou no sítio Xavier em Taquaritinga do Norte em sua própria residência. Seu salário, aproximadamente de 18 mil réis, também, como as citadas anteriormente é pago pela prefeitura. O que mais gostava de lecionar era a matemática, seus alunos se destacavam por passarem todos no exame de admissão ao ginásio. Segundo ela, começou a ensinar em sua casa, a casa da sua família. Por ser a casa pequena, ou melhor, a sala, sua mãe mandou fazer uma reforma para aumentar a sala. Assim sendo, a casa ficou quase que somente com sala, que era para ela ensinar, principalmente porque na época de prova havia 56 alunos.

Essa situação revela que as salas superlotadas se devem, entre outros, a falta de interesses dos poderes públicos, para garantir uma escola pública, com um ensino de qualidade para todos. Havia municípios que não possuíam nenhum conto de réis para pagar as professoras. Então era preciso fazer de acordo com as possibilidades que a realidade se apresentava. Por isso, a qualidade do ensino tem sido questionada ao longo dos anos pela disseminação da idéia de que o ensino público não atende as necessidades das crianças, sendo assim, não é satisfatório.

Nesse contexto, a professora reforça as suas dificuldades enfrentadas durante o período em que ensinou, principalmente, nos momentos de avaliações, ou melhor, de provas como ela denomina, por ter que aplicar as provas, ao mesmo tempo, com os alunos de primeira série, segunda, terceira e quarta em um mesmo espaço. Além do mais, as crianças pequenas que vinham somente para brincar. E para todo esse trabalho, contava apenas com a ajuda de Edna, sua irmã de criação, com 6 anos de idade, e por também estudar, brincava com as crianças, inclusive com cantigas da época.

Portanto, diante do exposto das professoras, é claro o precário funcionamento das escolas, não somente apenas a problemas relacionados à sua estrutura física, ou a baixa remuneração do professorado, mas, principalmente, pela falta de professores qualificados, ou seja, com formação pedagógica.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 PESQUISA QUALITATIVA

O presente estudo tem como referenciais metodológicos a pesquisa qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 11); por ser uma abordagem, cuja preocupação consiste “em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 269).

Sendo assim, a investigação quantitativa possibilita um estudo inserido na atuação baseado em um determinado nível de realidade tendo no campo das práticas e objetivos trazer à luz fenômenos, indicadores e tendências possíveis de serem observáveis. Assim, a pesquisa se desenvolve em busca de obter os dados referentes aos valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequar-se aos processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.

Com o objetivo de entendermos melhor a nossa opção pela pesquisa qualitativa, buscamos na literatura disponível informações sobre a pesquisa etnográfica. De fato, sem maiores polêmicas encontramos em Mattos (2001) a conceituação que nos possibilita uma ancoragem metodológica para realizar uma investigação referente à área de educação.

### 4.2 ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

A pesquisa etnográfica será abordada neste estudo por trazer contribuições pertinentes no campo das pesquisas qualitativas, principalmente quando buscam entender os avanços da Educação e os processos que ocorreram para a evolução da escolarização no município de Taquaritinga em Pernambuco.

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo de pesquisa qualitativa, que se interessam pelo estudo da História de Vida por introduzir os atores sociais e a ação humana uma participação ativa e dinâmica nos processos modificadores das estruturas sociais (MATTOS, 2001).

Assim, a etnografia tem como objeto os modos de vida de grupos sociais, neste caso o das professoras, e refere-se à descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo. E, é “através do Estudo de Caso, que a etnografia se caracteriza fundamentalmente pela procura de fontes múltiplas de dados e evidências para com isso obter diferentes perspectivas sobre o caso pesquisado” (MARTINS, 2008, p. 52).

Uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica apresenta as seguintes características:

- a) São enunciadas questões e proposições preliminares, provisórias;
- b) O trabalho de campo deve ser realizado, pessoalmente pelo pesquisador;
- c) A prática etnográfica exige longa e intensa imersão no grupo social que se deseja investigar; (MARTINS, 2008, p. 53-4).

De acordo com Portelli (1997), discuti a importância da história oral como recurso da pesquisa de cunho qualitativa, nos diz respeito à subjetividade do expositor em fornecer às fontes orais, ou seja, sua história de vida se valendo da oralidade.

Desde logo, é preciso entender que,

A história é (...) a reinvenção do passado, sua contribuição feita por especialistas que se orientam não só pelas interpretações do imaginário coletivo, mas por um aparato técnico e metodológico mais sofisticado e quem tenta dar conta desse passado com múltiplas significações (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p. 47).

A história de vida também é considerada como parte de um conjunto de depoimentos, ainda que o pesquisador ao formular questões em relação à temática, se constitui o narrador, decidindo os fatores importantes que se deve narrar. Ela vê na história de vida a ferramenta no qual se cruzam vida individual e contexto social (QUEIROZ, 1988).

Nessa perspectiva, a história de vida nos remete a uma reflexão histórica dispensando uma análise posterior, pois, no tecer dos documentos feitos com a colaboração das narrativas do entrevistado, o entrevistador, provavelmente estaria realizando um trabalho crítico em diálogo com a própria visão histórica.

Logo, uma metodologia de pesquisa com o uso de Histórias de Vida por meio de narrativas é um dos caminhos para o diálogo, com a finalidade de possibilitar a compreensão durante a comunicação entre pessoas ou sujeitos por meio da linguagem. Nesse sentido, a metodologia das Histórias de Vida busca desencadear nos autores das narrativas uma produção de conhecimentos, com sentido para o próprio narrador, enquanto sujeito desse projeto de conhecimento.

Segundo Connely e Clandinin (1995), as Histórias de Vida integram a pesquisa qualitativa em sua condição de atividade contextualizada. O significado que os sujeitos atribuem a sua história, as suas experiências e a sua própria formação é o conceito principal desta abordagem de pesquisa. O importante, neste caso, não são os fatos em si, mas os significados atribuídos pelos sujeitos do contexto específico de onde falam e o sentido que atribuem às experiências e o modo como contam suas vidas e seu processo formativo.

Em relação à memória, o mesmo autor afirma: “a memória fala de si ou dos seus, procurando encontrar uma estabilidade, identidade entre o passado e o presente, sendo o passado construído como uma lembrança do presente, enquanto a memória é um ponto de vista externo ao acontecimento”(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p.49).

O resgate elaborado através da história de vida consiste no registro da memória voluntária dos personagens envolvidos na pesquisa através das entrevistas. Para Montenegro (1992, p.150), “o caráter singular de toda memória mesma seletiva e a forma como ela se reconstrói a partir do olhar do presente dão um significado particular às entrevistas”.

A esse respeito Montenegro (1992, p. 36) afirma que, “a língua é demarcada de fronteiras. Concordamos com essa afirmativa, pois a fala do indivíduo representa sua identidade enquanto cidadão”.

#### 4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Por meio da metodologia de pesquisa qualitativa com Histórias de Vida, na perspectiva da investigação narrativa, propusemos a quatro professoras pioneiras da educação do município de Taquaritinga do Norte – PE, e um aluno, a produção de narrativas individuais, com vistas à construção das suas próprias histórias de vida e formação, em virtude de que não tiveram formação pedagógica, os quais, em seus relatos contribuíram de forma significativa com o nosso estudo, em especial, com suas experiências educacionais nas escolas primárias.

#### 4.4 COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados, isto é, as entrevistas deram-se da seguinte maneira: optamos por permitir que contassem sobre si, sem anunciar inicialmente nenhuma questão, tendo em vista que, nesta fase é imprescindível, que o entrevistado sintasse confortável para refletir e narrar a trajetória de vida.

Desde logo, iniciamos as entrevistas, com uma conversa bem informal, para que elaborassem, buscando na memória, aspectos relativos às suas vidas de professoras, e de alunos, na certeza que, assim sendo, estaríamos abrindo possibilidades de se interrogarem sobre suas idéias e sobre o que vem a ser a sua narrativa de vida, como sujeitos participantes desta investigação. Esta forma permitiu que os sujeitos pesquisados narrassem no seu próprio tempo, prologando-se quando assim o escolhessem.

O nosso primeiro encontro, com cada um dos sujeitos pesquisados deu-se em espaços e momentos diferentes. A princípio, expusemos o nosso objetivo de entrevistá-los, e, em seguida, solicitamos autorização para ligar o gravador, -havíamos combinado com antecedência, que as entrevistas seriam gravadas- no sentido de gravar o que elas/37T contavam sobre as suas trajetórias de vida. Vale ressaltarmos que os encontros foram informais e produtivos, pois falaram durante um longo tempo com entusiasmo e desprendimento.

No que diz respeito à coleta de dados a nossa opção deu-se pela a entrevista semiestruturada, por ser “uma entrevista que as questões são formuladas de modo a permitir que o sujeito entrevistado, discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados.” (ROSA; ARNODI, 2008, p.30). São gravadas e transcritas, uma vez que, registrados os discursos proferidos entre entrevistadora e entrevistados, possibilitam o registro dos dados com confiabilidade e fidedignidade.

Para Rojas (1999), no que se refere à fidedignidade e, a validação em uma coleta de dados por meio de gravações e transcrições, é importante levar em consideração os aspectos como, à fidedignidade essencial, tendo em vista a seleção do que é gravado e a qualidade técnica da gravação e a fidelidade das transcrições.

Realizamos as entrevista com as primeiras professoras de Taquaritinga do Norte – PE e alunos, no intuito de obtermos informações acerca de suas historias de vida. De acordo com Queiroz (1988), a história de vida quando utilizada no campo da história oral também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias.

O formato das entrevistas pode variar de acordo com os objetivos propostos. Quando o discurso oral se dirigir para a história de vida, fica implícito a possibilidade de um relato em que o depoente tenha maior liberdade para narrar sua experiência pessoal.

Durante as entrevistas, as conversas ocorreram de forma espontânea, de modo que, os participantes de maneira livre falam sobre a história de vida e da educação do município. Vale salientar que, priorizamos as falas, valorizando as singularidades do modo de falar da região.

#### 4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Por conseguinte, iniciamos a análise exploratória do material observando em que medida os relatos de forma seletiva, atendem as intenções da pesquisa. Após a escuta e escrita, partimos para a fase de categorização do material, destacando os sujeitos, a área temática e a origem do estudo. Finalizando, passamos para a fase de análise do material.

Nesse contexto, interpretamos os acontecimentos/episódios/histórias de vida, atribuindo significados sem solicitar a utilização de técnicas e métodos estatísticos. Seguindo essa linha de pensamento que bem descreve a pesquisa qualitativa, interpretamos os discursos, coletados através da técnica da entrevista. Apresentaremos, interpretaremos e analisaremos tais discursos, seguindo o rigor científico de uma análise, sem se preocupar em quantificar nossos dados.

Portanto, a nossa opção metodológica numa abordagem qualitativa, alicerçada pelo método etnográfico com uso de Histórias de Vida, justifica-se essencialmente, pela a nossa intenção em analisar valores, hábitos e concepções, como meio de atribuímos significados às vivências e experiências por elas narradas.

## 5 AS PROFESSORAS E SUAS HISTÓRIA DE VIDA

Nesta parte da nossa pesquisa, inicialmente apresentamos os relatos das professoras pioneiras da educação do município de Taquaritinga do Norte – PE: **Severina Coelho Arruda, Luizete da Costa Silva, Inácia Maria de Oliveira, Maria Anunciada Pereira**, em seguida o aluno José Valdivino de Araújo. Por meio das suas narrativas orais, obtemos a história do ensino primário, como formação inicial dos alunos, nos anos de 1940 – 1970, as suas histórias de vida, as suas experiências vivenciadas, como docentes leigos. A nossa intenção é que por meio desses depoimentos possamos recuperar as suas histórias de vida.

### 5.1 O que revelam as professoras sobre as suas vidas na educação

*A minha primeira experiência foi no Riacho Doce dos Leandros, na casa do Sr. Irineu Leandro Santiago, depois fui ensinar no São Brás. Logo no início do ano, o Sr. Severino Arruda, me chamou para ensinar na Boa Vista, aos seus filhos, Jaime Arruda, Arlindo Arruda e as sobrinhas, Valda e Maria Leonice. A escola do São Brás funcionava em uma casa, e por ser particular, eu recebia o pagamento do Sr. Severino Arruda. Por lá fiquei de maio de 1949 até 1951, cerca de 3 anos ensinando na Boa Vista, somente aos filhos dele. Severina Coelho Arruda.*

*Foi só primária. Mas fazíamos uns estágios em Taquaritinga, vinha umas professoras de Nazaré da Mata e todos passavam a semana em Taquaritinga recebendo formação. Das séries que ensinava, para poder aplicar os conhecimentos em sala de aula. Hoje em dia a gente chama de professora leiga, porque não precisava se formar numa faculdade. Eu só fiz até a oitava série. Fiz esses exames de oitava série já estudando em Caruaru. Luizete da Costa Silva.*

*Eu ensinava era numa casinha de compadre Deck hoje não existe, porque já venderam. Na casa das pessoas, não tinha grupo, essas escolinhas, passei naquele canto próprio era na casa da gente. Quando eu comecei logo foi na minha casa, depois eu ensinava na casa de compadre Deck. Ele me arrumou uma casinha e eu ensinei lá um tempo. Quando foi depois, eles me passaram para trabalhar no telefone eu trabalhei uns 10 ou 12 anos de telefonista. Inácia Maria de Oliveira.*

*Desde que comecei foi na minha casa mesmo, sempre em residências. A casa era pequena, por isso minha mãe mandou aumentar. A maior parte da casa é sala de aula. Em tempos de prova era um sufoco por causa da quantidade de alunos num total de aproximadamente de 50. Maria Anunciada Pereira.*

As docentes nos revelam um período da história da educação em que o acesso a Escola é muito difícil, sobretudo, para as camadas menos favorecidas, ou melhor, sem condições financeiras para pagar. Outra característica marcante do seu depoimento são os valores morais

bem definidos, quando evidencia ao falar na casa do “Sr,” revelando, diretamente os valores morais sobre os quais foi criada, sob os princípios morais, característica marcante do interior do Nordeste.

Os relatos de certa forma revelam que, naquele momento ainda não se cumpriam as exigências do Estado, para a formação acadêmica para a atuação profissional, em uma parceria com as prefeituras, no sentido de oferecer cursos para a formação de professores no magistério. Esse processo de valorização da qualificação do profissional docente é abraçado pelas instituições públicas de ensino por pressão direta de organismos internacionais que influenciaram as mudanças na educação.

Diante de muito esforço e determinação conseguiram ser alfabetizadas e prosseguir na escolaridade até se tornar professora leiga. A esse respeito, demonstram que, embora, sem as condições mínimas para o desenvolvimento de sua atividade docente; sem estrutura física adequada; recursos didáticos escassos; grande número de alunos em salas de aula; desvalorizadas profissionalmente, em formação e salários; a ausência de políticas públicas. Mesmo assim elas persistiam, como muito amor e dedicação, ensinando.

A relação com a profissionalização do futuro trabalhador perpassava a influência sobre a decisão de continuar ou não estudando. Em contrapartida, esse período para a educação entre 1940-1970 é deveras problemático, visto que, a política brasileira afetou severamente o futuro da população em relação à formação profissional.

Ao longo dos séculos a história da educação brasileira e particularmente a pernambucana, operaram-se muitas mudanças e transformações. Contudo, a permanência de alguns problemas na estrutura educacional aponta para questões intocáveis. Segundo as entrevistadas constata-se aspectos que demonstram como se processou a organização e a expansão do ensino primário público no município de Taquaritinga do Norte – PE.

## 5.2 Os relatos da professora Maria Anunciada Pereira

*Eu não sei bem quanto era mais ou menos uns R\$ 100,00 se fosse hoje, era pouco. Eram em reis nesse tempo. Não me lembro com certeza. Eu sei que era menos de que cem. Nós fomos para Nazaré da Mata fizeram uma fila das professoras de todos os municípios para dizer quanto cada uma ganhava. Nós éramos todas da prefeitura de Taquaritinga. Era R\$ 18,00. Era a mesma coisa para todas. Mas, agora, não sei quanto é em Real. Era bem pouquinho o que a gente ganhava.*

De acordo com esta fala percebemos que a questão salarial é um problema antigo, e que ainda perdura, nos dias de hoje principalmente, pela a desvalorização que o professor perpassa.

A atividade docente ao longo dos anos sofreu mudanças englobando esforços para a manutenção e a realização dos serviços educacionais, porém, ainda permanece de maneira precária, sem a devida valorização profissional. Além disso, à estrutura física dos ambientes escolares abordada pela professora nas respostas anteriores, se apresenta durante todo período, insatisfatória para o exercício da prática educativa, ou seja, conforme a entrevistada a escola funcionava em sua residência. Assim, a escola como uma instituição reservada para a formação dos indivíduos não era responsabilidade dos poderes públicos para poderem atuar na sociedade na prática representava uma utopia. As idéias de difusão do ensino elementar e dos conhecimentos eram sustentadas pela mobilidade das professoras leigas. O respeito pelos alunos rompe as barreiras das dificuldades físicas.

Sobre a avaliação a professora ressalta a prova como um recurso principal conforme expressa abaixo:

*Agora para fazer prova era ruim, mas eu fazia misturado. Eu ensinava sozinha da primeira série, segunda, terceira e quarta série. E ainda tinha os meninos pequenos que vinham só para brincar, Edna a minha irmã de criação era pequena estudava também tinha 6 anos eram todos pequenos. Ela brincava com eles, ensinava besteirinha como: cantar somente. E eu ficava com a outra turma.*

Nesse contexto, a escola se apresenta como uma instituição sem uma estrutura organizada, em que, os serviços eram feitos de maneira informal. Desse modo, o sistema educacional brasileiro é relegado ao segundo plano pelo poder político o que se constituía uma faceta de um processo que se modernizava na esfera nacional.

As professoras se preocupavam com os alunos que vinham a pé de cantos muito distantes e ofereciam merendas feitas por elas ou pessoas que moravam por onde elas ensinavam. Muitas vezes acumulando muitas tarefas. Conforme afirma abaixo:

*Minha mãe era quem fazia a merenda. Depois, como ela não pode mais fazer, eu fazia e distribuía para as crianças. Pedi para colocar outra professora para ensinar no meu lugar o restante de ano. Vieram duas professoras enquanto que eu ensinava sozinha. As professoras, Nalva, e Ednalva. Uma ensinava a primeira e segunda série, e a outra ensinava a terceira e quarta. Enquanto que eu ensinava a todos, você já imaginou a dificuldade que passei? E os alunos aprendiam e passavam de ano. Pode perguntar a esse povo mais antigo. Só um aluno não passou de ano; foi o Cide, mais o resto, todos passaram de ano e também no teste do Admissão..*

Em relação à prática pedagógica as professoras enfatizam a sua importância para o desenvolvimento da aprendizagem e a aquisição dos conhecimentos. Destaca ainda que era importante aprender para passar no teste de Admissão existente na época.

*Mas, como eu não sei enrolar ensinava bem, porque tem professor que enrola. Eu sabia quem devia fazer o teste do admissão. Eu sabia fazer meu trabalho, na hora e na ordem. E quando o aluno*

*não quer estudar, não adianta insistir, porque a pessoa que não tem vontade de estudar é tempo perdido insistir, ajeitar, é perdido mesmo.*

Percebemos a preocupação da professora em relação ao desafio de saber ensinar, ou seja, o compromisso de levar a criança a aprender. Além disso, ela relata a dificuldade para estudar, haja vista que a escola não era acessível para todos. E como elas exerciam a tarefa de ensinar, apenas com o ensino primário, muitas almejavam continuar os estudos, no entanto, as condições da época, não permitiam que muitas seguissem adiante nos estudos, conforme afirma,

*Eu tinha vontade de estudar, mas não estudei porque não tinha condição, meu pai não podia pagar colégio. Tinha o colégio de Surubim, mas por ser meu pai um homem pobre, não dispunha de condições para pagar os meus estudos. Aqui em Taquaritinga não tinha escola e como eu não conhecia nenhuma pessoa que pudesse ficar em sua casa durante a semana para estudar, meu pai não deixava ficar pra lá e pra cá andando nos carros.*

Outro problema relatado se refere à questão do transporte. São poucas as pessoas que dispunham de um meio de transporte, ou melhor, só as de um grande poder aquisitivo, entretanto, a maioria colocava seus filhos para estudarem nas cidades vizinhas como: Caruaru, Limoeiro e Surubim, em colégios renomados, para a aquisição de uma formação. Os que não tinham condições colocavam seus filhos em escolas, funcionando em casas ou galpões nos recantos do município, muitos em áreas distantes, em virtude de não existir talvez transporte, ou devido à falta de recursos financeiros. As crianças e professoras, geralmente, de acordo com a distância da escola iam a pé caminhando. A respeito disso a entrevistada fala:

*Nós íamos para feira, para rua a pé. Carro quando tinha era um caminhão, quem ia subir no caminhão de feira cheio de gente? Eu ensinei na minha casa, mas muitas professoras iam ensinar, caminhando a pé. Além disso, tinham que dormir a semana toda por onde ensinavam porque não podia ficar indo todo dia e voltando. No final de semana voltava para suas casas. Os donos de terra que tinham condições financeiras pagavam um valor a mais para elas. O que eu recebia era pouco, mesmo assim para mim já servia, porque eu não fazia feira, pois, morava com minha mãe. Tenho um irmão, mas mora no Rio de Janeiro. Todo final de mês ele mandava o dinheiro para comprarmos o que precisasse.*

De acordo com a professora às condições econômicas e a falta de transporte, é um dos motivos que ainda hoje dificulta muitos alunos a frequentar a escola. Em nosso país, ainda é um realidade, a existência de lugarejos com difícil acesso e distantes das áreas urbanas, exigindo cada vez mais esforços, por parte daqueles que desejam continuar seus estudos.

Vale ressaltarmos, que não é a realidade do nosso município, uma vez que o transporte escolar gratuito é ativo, em todos os turnos, para todos os recantos da cidade, só não estuda quem realmente não quer.

Outro assunto que nos chama a atenção é à questão da qualificação profissional nesse período, isto é, a exigência para ser professora é apenas a certificação mediante o teste de Admissão. Contudo, ao longo dos anos, surge a Escola Normal, contribuindo significativamente, como o primeiro passo para a profissionalização das professoras leigas, até então existentes.

No relato abaixo, ela enaltece,

*Aqui não tinha magistério, depois é que começou no Cenecista. Por esta razão, minha filha ficou na casa do seu padrinho, em Surubim, para fazer o curso do magistério, ao terminou o referido curso, foi para o Recife fico uma casa da minha irmã para estudar, naquela época havia o vestibular, bem diferente da minha época, porém, embora com todas as dificuldades não deixei de ter minha profissão..*

Cabe-nos lembrar de que, apesar do quadro de precariedade da educação e, da falta de recursos financeiros suficientes nesse período, as professoras consideram que contribuíram de forma significativa, com a formação dos/as alunos/as em prol de uma sociedade, respaldadas nos valores humanos.

### **5.3 O que pensa a professora Severina Coelho de Arruda**

*De 1947 a 1948 ensinei o segundo ano, embora só tenha estudado o curso primário, da 1ª à 3ª série no ano de 1940, porque o ensino primário é até o 3º ano. Em 1944 com o 4º ano, estudei com uma professora do Recife. No ano de 1947, ensinei em uma escola particular situada em Açudinho, para algumas crianças, e por lá passei poucos dias. Em 1948, ensinei no Riacho Doce, e em 1949, em São Brás. No início do ano fui convidada pelo prefeito de Boa Vista, Sr. Severino para ensinar, de forma particular, portanto, sendo o pagamento efetuado por ele. Lá ensinei de 1950 a 1951, isto é, 3 anos ensinando somente aos seus filhos: Jaime, Arlindo, Arruda, e uma sobrinha dele, Valda, Maria Leonice, esses 3 anos ensinando. Em 1952, ele colocou os seus filhos para estudar em Limoeiro, e eu fui trabalhar na Cooperativa Agropecuária, na contabilidade, nomeada como “Contadora”. Trabalhei nos anos de 1952 a 1953 até o começo de 1954, no ano que eu me casei. Depois ainda em 1954 passei a trabalhar para o Poder Judiciário como Contadora e Partidora da Comarca de Taquaritinga do Norte no ano de 1954.*

Do ponto de vista social a década de 1940 a 1950 é marcada pela permanência de aspectos voltados a uma idéia de modernização forjada, com a criação de modelos teóricos que viabilizassem o desenvolvimento econômico interno do país, sem associação devida à educação. Nesse contexto, a formação dos trabalhadores torna-se uma necessidade, haja vista

que, nesse momento há o aprofundamento das questões políticas, no sentido de promover as mudanças devido ao vigente desenvolvimento da industrialização em curso.

Quando ela fala que foi trabalhar na cooperativa na área de contabilidade deixando de exercer o magistério, demonstra que, embora, com uma formação insuficiente, a prática docente ajudou-a a conquistar outros cargos, principalmente, porque estudava muito para ensinar, no sentido de preparar o aluno não apenas para o trabalho, mas, preparar o aluno para a vida.

A este respeito, não podemos deixar de pontuar, o incentivo da sociedade, com o devido respeito, aquela que exercia a profissão de professora. Pode parecer paradoxal, tendo vista, as condições de trabalho e salariais, mas, aqui, se refere ao tratamento respeitoso dispensado as professoras, pelos alunos pelos pais, e pela sociedade.

Ressaltamos esta realidade, principalmente, para enaltecer a diferença entre a existente naquela época com as dos dias atuais, seja, pela falta de respeito com professores e professoras, seja, porque uma pessoa com apenas o ensino primário, não chegará a exercer a carreira de professora, nem tão pouco de contadora, ou partidora, ou de qualquer área de atuação profissional sem que tenha no mínimo um curso técnico dependendo da área de atuação ou, o curso superior.

O relato a seguir da professora Severina Coelho de Arruda, diz respeito a sua história de vida profissional, onde conseguiu chegar com apenas o ensino primário; e, sobre os aspectos referentes à Escola Municipal Clara Camarão, destacando os personagens que fizeram parte da história da educação do município, entre eles, a direção da escola, nos anos de 1950 a 1960. São relatos que se entrelaçam com a sua própria existência.

*Após o ano de 1958, terminado o mandato de prefeito do Sr. Severino, ele me nomeou como diretora da Escola Municipal Clara Camarão, antigo Grupo Escolar Clara Camarão, onde a primeira diretora foi Maria Dorotildes de Menezes Loureiro conhecida como Dona Liete. Estando eu com dois cargos, tinha que optar, como Contadora e Partidora, ou como diretora. Decidi optar pelo Poder Judiciário, atualmente, aposentada. Ao pedir demissão, da escola como diretora, quem me substituiu foi a professora Josélia de Mané de Viana.*

Infelizmente, ao longo do processo histórico educacional, estão presentes as interferências políticas partidárias, principalmente, as que se refere a nomeações ou promoções de pessoas em cargos. No entanto, tais interferências encontram seus limites no próprio processo de organização da sociedade.

Outro assunto, presente nos relatos das professoras, é o seguinte que,

*Nas regiões mais pobres do nosso país, ainda há um contingente de crianças e jovens em que a rede escolar disponível, não tem condições de atender ou atende de modo precário,*

*em razão disso, um grande número de alunos/as que entram na escola, não concluem os quatro anos, mínimos de escolaridade. Estes são apenas alguns limites ao processo de democratização de oportunidades escolares no Brasil.*

A partir disso, perguntamos a professora Severina Coelho de Arruda, o seguinte:

Clara Camarão foi à primeira Escola pública de Taquaritinga do Norte-PE?

Procurou aprimorar seus estudos, com alguma formação?

E sobre quem tinha somente o primário ou o Admissão já podia lecionar?

Em relação às condições estruturais e de organização, existia fardamento para os alunos? E a estrutura curricular?

Para estas questões obtivemos as respostas a seguir,

*Não, em Taquaritinga sempre teve muitas escolas, desde que eu nasci, cresci já existia escola, embora funcionando em casa, consideramos escolas. Porém, como grupo escolar, onde as crianças estudavam em um só lugar, com uma professora, foi a partir da inauguração do Colégio Clara Camarão.*

*Não fiz nenhum curso superior, nem mesmo o teste de admissão. Só fiz o curso primário. Estudei da primeira cartilha do ABC, até o 2º ano coma professora dona Nena. O 3º ano estudei com uma professora da rede estadual, dona Olga.. E, o 4º ano, com uma professora do Recife, dona Iracema Mascarenhas de Moraes. Meus colegas de escola são: compadre Robelio, dona Maria José e José Bernardino.*

*Fiz o concurso público. Naquela época os concursos não exigiam tanto como os concursos de hoje, as disciplinas exigidas eram apenas matemática, português, geografia, história e religião, isto é, apenas o básico que a gente aprendia para poder ensinar. No ano de 1950 veio um pessoal de outra cidade para promover um curso, e após o curso, um concurso para professora municipal, e com apenas o primário, fiz o curso e passei no concurso, ainda hoje tenho esse diploma guardado.*

*Quando eu estudei não havia farda, porém quando eu fui diretora, sim havia farda, com exceção a zona rural, nesta não se usava fardamento.*

*Não havia estrutura curricular, assim o ensino consistia a partir da cartilha ABC, depois o livro, para o estudo de História. Não havia o ensino de Aritmética, Geometria, porque naquela época, só é preciso aprender a ler e a contar. Em relação a contar são as quatro operações: somar, multiplicar, diminuir e dividir.*

Diante das opiniões da professora, vale ressaltarmos que o período que vai de 1940 a 1950 representa anos de desafios da ampliação das oportunidades escolares também de maneira articulada as questões econômicas, sociais além dos aspectos culturais vão sendo somadas nesse palco de desenvolvimento e evolução das escolas em Taquaritinga do Norte – PE. (HOLANDA, 1981).

A professora leiga é uma realidade, pois, além de perdurar por muitas décadas no Brasil é responsável por um grande número de professoras que dependiam do prestígio dos políticos para alcançar à continuidade de seus estudos. Assim, quem desfrutava de privilegio

certamente, defendia a permanência de uma escolaridade deficitária, contrariamente, a realização de concursos públicos.

A estrutura e o funcionamento de uma escola implicam na qualidade da educação, considerando que ambas, se constitui fundamentalmente para o processo ensino aprendizagem. Isso corrobora com o que diz que a professora, ou seja, as dificuldades enfrentadas, uma vez que, a escola não apresenta uma estrutura, e nem um funcionamento adequado. É imprescindível para o desenvolvimento de uma escola que todas as partes estejam funcionando, porque uma depende da outra e, sem estrutura curricular não se pode esperar um bom funcionamento. “A busca pela estrutura e funcionamento plenos é um desafio permanente para os que trabalham neste âmbito da atuação humana” (VIEIRA, 2001, p. 22).

Quanto à estrutura curricular é preciso destacar que sendo o currículo o elemento central do projeto pedagógico, é ele que viabiliza o processo de ensino aprendizagem, ou dito de outra maneira,

O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdadas e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (idéias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições. (SACRISTÁN 1999, p. 61)

Ademais, vale ressaltarmos que a ingerência políticas partidária, na época, contribuiu para a desorganização da escola, considerando o estado de penúria que se encontrava a grande maioria das escolas e provavelmente, para atraso intelectual de muitos brasileiros. A seguir



Figura 13- Foto: Frente do Grupo Escolar Clara Camarão 1951.

Fonte: Pesquisadora (2016)



**Figura 14 –Foto: Lateral Frente do Grupo Escolar Clara Camarão 1951**

**Fonte: Pesquisadora (2016)**

Prosseguimos com a professora Luizete da Costa Silva, sobre o que ela pensa e diz a respeito da diferença entre as escolas da sua época e as de hoje. Ela respondeu o seguinte:

*Penso que os alunos da minha época eram bem melhores. Mais obedientes. Prestavam mais atenção ao que nós ensinávamos. Pediam explicação e no outro dia traziam as tarefas. Porém, hoje em dia os alunos não querem mais estudar. Eu tenho aqui um com 14 anos que não gosta de ir para escola, mesmo assim tem que ir, não vou deixá-lo fora da escola, embora já tenha sido reprovado dois anos.*

A figura da professora significava a personificação da confiança. As crianças e os pais a tinham como uma pessoa da família, de inteira confiança e responsabilidade. Sendo assim, por ser comum o aluno prestar atenção as aulas e respeitar o professor, aprendiam com mais facilidade.

O problema da disciplina e falta de atenção, ainda é muito comum nos dias atuais, em nossas escolas públicas, apontado por profissionais em educação, como um dos fatores principais de repetência e do baixo rendimento escolar. Porém, não podemos deixar de considerar também, as metodologias de ensino, responsáveis pelas dificuldades do/a aluno/a no ensino e aprendizagem.

Em relação, a justificativa da professora, onde o aluno aprendia pela atenção e interesse no tocante aos conteúdos, embora, não generalizando, atualmente, em consequência de diferentes problemas, sociais, econômicos e, a ausência de valores, muitos alunos, não vem à escola com o intuito de aprender, mas de brincar, ou de atrapalhar o que quer estudar. E a gestão escolar? Como se posiciona diante disso? Tem atitudes capazes de favorecer a atuação do professor em sala de aula, na maioria das vezes superlotadas? Não é fácil encontramos respostas para tais questionamentos, pois, parece que as instituições de ensino, enquanto são

reféns da violência, ao mesmo tempo são responsabilizadas pelos problemas sociais que a sociedade e o Estado não conseguem resolver.

Continuamos indagando a professora sobre:

A escola que ela havia trabalhado; quem pagava o seu salário; como eram os seus alunos. Sobre estes questionamentos,

*Em Varzinha, como professora primária. Meu salário era pago, todo mês, pela prefeitura. Era tão pouquinho, penso ser de R\$ 35,00reis, mesmo assim, ainda ensinei uns 15 anos. Eu vinha cedinho, da Amarela, onde morava, para Varginha, ensinava e meio dia voltava. Uma turma de alunos de Pão de Açúcar me acompanhava, uma vez que as mães gostavam que seus filhos andassem comigo. De meio dia, voltava com eles deixando cada um nas casas, isto, todos os dias, de segunda a sexta. Naquele tempo as crianças prestavam mais atenção às aulas. Eu ensinava a primeira série, a segunda, a terceira e a quarta. As minhas alunas, todas eram umas boas alunas aprenderam e ensinaram.*

A precariedade do ensino, a desvalorização do professor, naquela época, nesse município fica evidente, através das falas da professora, porém, é importante que enfatizemos que, apesar de todos os problemas, a professora não desistia, continuava com compromisso, desenvolvendo a sua docência.

No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que no ano de 1950 as crianças enfrentavam outras realidades, outro contexto escolar. Por isso, segundo a professora os alunos correspondiam ao tipo de educação e disciplina exigida, seja, em virtude da rígida disciplina, seja, da consideração que a professora recebia da população, o que determinava conseqüentemente, o respeito e, ao mesmo tempo o medo da repressão por seus mestres. Todavia, a respeito da sua formação ela informa:

*Cursei até a oitava série em Caruaru porque aqui não tinha não. Fiz uns estágios em Taquaritinga, com umas professoras de Nazaré da Mata. Eu passava a semana em Taquaritinga recebendo formação, sobre as séries que ensinava para poder aplicar os conhecimentos em sala de aula. Devido a minha formação sou considerada de professora leiga.*

Esse argumento, a respeito da formação do professor, é um dos problemas da educação que ainda perdura em municípios brasileiros, cujas tem raízes encontram-se em um contexto de exclusão aos menos favorecidos, isto é, durante muitos anos, uma parte da população brasileira recebeu apenas *instrução* escolar, representada pelas as formas de dominação presente no país. Desse modo, é possível constatarmos que, a questão da educação está ligada as condições econômicas dos cidadãos (HOLANDA, 1981).

No enfoque da professora leiga, subjaz uma atitude de preservá-la da ignorância do meio, por ser uma deficiência do Estado e, ao mesmo tempo, fortalecer o desenvolvimento de um caráter educacional em razão das necessidades vigentes na sociedade. Assim, como forma de

complementar a profissionalização dos professores e legitimar sua atividade o Estado promove uma formação dando uma nova roupagem como forma de suprir de alguma maneira os déficits na educação (HOLANDA, 1981).

Apesar das dificuldades, de certo modo, o município se encontrava em meio a um processo de desenvolvimento econômico e, devido ao crescimento da população, há o aumento do número de escolas.

Em relação a sua aposentadoria, ela enfatiza,

*Fui aposentada com 36 anos de tempo de serviço, durante o governo do prefeito Sr. Jarbas. Ele providenciou a minha aposentaria. Gostava de trabalhar como professora e, ainda hoje eu tenho saudade da escola. Depois de aposentada, passei a trabalhar, juntamente comeu marido, em uma usina.*

O fato de ter trabalhado 36 anos ininterrupto na educação, em sala de aula, naquela época, não garantia a aposentadoria efetivamente, talvez pela falta de uma legislação oficial que contemplasse os direitos dos professores. Conforme enfatiza a professora, foi graças a intervenção do prefeito que ela conseguiu.

Esse conjunto de fatores revela que as escolas existentes em lugares como: vilas, distritos, fazendas próximas às usinas e, distantes cerca de mais de uma hora da cidade, de alguma forma é o início da disseminação da educação no município de Taquaritinga do Norte-PE, explícitos nas precárias condições para o seu funcionamento. Porém, esta não é uma realidade específica daquela época, pois, havia cidade sem que os governantes construíssem prédios de boa estrutura física e organizacional, demonstrando um espaço de contradições gerado em muitos casos pelas relações políticas das pessoas dos lugarejos com os políticos. Ou melhor, dizendo, os lugares mais abandonados, significava apoio ao candidato contrário ao governo, daí as relações de conflitos com os fazendeiros, os usineiros, ou seja, os donos do poder e da posse das terras (PINHEIRO, 2002).

Para um melhor entendimento sobre os desdobramentos da política nacional de educação fazem-se necessárias outras reflexões.

O processo brasileiro da industrialização, e o crescimento urbano, surgem à necessidade de pessoas com escolarização. Daí, um acesso maior a escola, tem como intenção exclusivamente, qualificar os trabalhadores, principalmente, da zona rural para a obtenção de mão de obra barata. A vista disso, o importante e imprescindível, é a implantação e construção de uma educação voltada para o homem do campo (PILLETTI, 1990).

Sobre isto, além de difícil acesso, as escolas em áreas rurais tinham por objetivo defender as práticas governamentais internas, haja vista, que em cada lugarejo se apresentava

as representações políticas partidárias, ligadas ou não ao governo estadual. Os lugarejos com representações ligadas ao governo são beneficiados, dentre outros, aspectos com o desenvolvimento do sistema educacional, enquanto, que os contrários ao governo são totalmente desprezados.

A extrema limitação das oportunidades de ascensão social típica da sociedade brasileira nesse período, não promoveu a valorização dos professores, nem no ensino público, nem no particular. O que diferenciava um ensino do outro, é que, sendo o ensino particular pago pelos donos das casas, onde funcionava a escola, o salário era melhor, e o próprio dono da casa era quem chamavam as professoras para ensinarem aos seus filhos e parentes, assim sendo, havia um processo de facilitação do acesso ao ensino pelos alunos da classe média, e média alta. Os que não tinham condições de pagar a uma professora para ensinar em suas casas aos seus filhos e parentes, recorriam à prefeitura.

#### **5.4 Os relatos da professora Inácia Maria de Oliveira**

*Recebia o salário da prefeitura. Nesse tempo a moeda era reis. Eu recebia 100 reis. Era muito pouquinho. Uma notinha apenas. Quando chegava ao final do ano eu fazia exame das crianças. Chamava-se um diretor lá de Taquaritinga. Vinha um diretor e uma diretora e elas vinham examinar as crianças.*

*Na minha época de professora, o castigo dos alunos era um tamborete e uma mesa na cabeça, ou, ficar em pé durante certo tempo. Hoje não, hoje se fizer isso é um absurdo. Quando aluna, a minha professora me botava de castigo, de joelho no terreiro no sol quente ou, em pé. Eu era desobediente, eu era ruim mesmo. Como professora sempre fui rígida, mesmo assim os alunos me adoravam. Naquele tempo as crianças iam a escola para estudar, aprender, hoje em dia elas vão a escola somente para fazer bagunça.*

*Comecei a ensinar na minha casa, depois, por certo tempo, na casinha de compadre Deck, hoje não existe, porque já venderam. Isto porque não havia grupo escolar. E, finalmente, me colocaram para trabalhar no telefone, onde trabalhei uns 10 ou 12 anos como telefonista.*

Infelizmente, durante um longo período, a palmatória foi um recurso bastante utilizado para promover a aprendizagem dos alunos. No entanto, esse método não representava uma forma eficaz de fazer o aluno aprender. Essa aplicação se constitui como um recurso pelo sistema de ensino da época que vigorou com plena aceitação por toda a sociedade. A partir dessa constatação, a professora das suas experiências, destacando, o início da profissão.

*Comecei a ensinar no ano de 1948, há muitos alunos, entre 30 e 40 alunos, divididos em três classes/turmas: preliminar que é o primeiro ano, o segundo e o terceiro ano. Ensinava aquelas turmas, no local onde eu morava, o sítio Estreito, no município de Taquaritinga do Norte, e só eu como professora. Sendo a casa de papai enorme, inclusive, com uma grande sala, eu colocava as*

*crianças nesta sala, quem quisesse assistir as aulas sentadas trazia de casa seu tamborete. O município não fornecia nenhum, material didático ao aluno, cada um comprava por sua conta.*

Apesar da utilização de recursos didáticos serem uma importante ferramenta para a construção do processo do conhecimento do aluno/a, naquela época não havia nenhuma consideração, bastava apenas um caderno, um lápis e a cartilha do ABC, o que a maioria dos alunos podia comprar. Dessa maneira, o seu uso, não é visto como o “material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos” (SOUZA 2007, p.111), uma vez que o ensino estava voltado a uma prática tradicional, de codificar e decodificar letras para aprender a ler.

Enfim, não é possível, justificar a ausência livros, farda, merenda, biblioteca, parte imprescindível do universo educacional devido às condições econômicas da população na época, porque,

*Utilizar recursos didáticos no processo de ensino- aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas. (SOUZA, 2007, p.112-113).*

Perguntamos: Quanto ao ensino ser ministrado geralmente por professoras leigas, fala a professora,

*Eu ensinava, apesar de ter estudado até o terceiro ano primário. Portanto, era professora leiga. Ensinei o terceiro ano, há muitas crianças, no sítio Estreito, no sítio São João, sítio Placas depois passei a morar em Varzinha, onde também ensinei. De Varzinha fui morar em uma fazendazinha próxima da cidade, continuei ensinando. E, por último, em Taquaritinga. Depois de muito tempo ensinando, o prefeito me colocou para trabalhar como telefonista. Aposentei-me com 31 anos de trabalho. Nunca tirei uma licença prêmio, trabalhava direto como a cantiga de cigarra. Graças a Deus estou aposentada recebendo o meu salário.*

A ampliação e a permanência do ensino ministrado por professoras leigas, na década de 1950 é uma realidade, em consequência da falta da qualificação do profissional em educação. Isso não é um fato isolado, pelo contrário, ocorreu na grande maioria dos municípios brasileiros.

A precariedade no funcionamento das escolas, principalmente, as de funcionamento do ensino primário, deve-se principalmente, a ausência das modalidades de ensino, criado pelos governantes, especificamente aos municípios aliados, ou melhor, os aliados são privilegiados. Não é por acaso que, em alguns municípios se encontram prédios antigos com uma estrutura visivelmente, construída por meio de um projeto de arquitetura, isto é, planejado e adequado

para o funcionamento de ensino, destoando da maioria das outras escolas, ou até mesmo dos padrões de construções da época.

Em relação à Educação de Jovens e Adultos – EJA, a professora relata o seguinte:

*O prefeito me colocou para eu ensinar aos adultos, no sítio Xavier, próximo à minha casa. Muitas pessoas daquele sítio aprenderam comigo. Sai de lá, para o sítio Placas e continuei ensinando aos adultos. Foi um grande desafio ensinar o Mobral, principalmente por ser à noite, sem luz elétrica. Eu ensinava graças a luz do candeieiro.*

Sobre isto, cabe-nos lembrar de que a Educação de Jovens e Adultos – EJA existente por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral – surgiu pela a Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, direcionado a faixa etária de 15 a 30 anos. Meses depois, foi designada uma comissão, encarregada de elaborar os estatutos para efetiva realização do Mobral. Nesse mesmo ano, o Decreto nº 62.484 do dia 29 de março, aprova os referidos estatutos (RANGEL, 2011).

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever. No entanto, com as contribuições do método de Paulo Freire, passou-se a olhar e conceber a alfabetização, como um processo a ser construído, numa concepção libertadora, considerando a realidade em que o aluno estava inserido para promover sua emancipação da condição de oprimido para a de cidadão crítico e atuante na sociedade, adequado ao processo educativo e as características do meio (FREIRE, 1978). Mas, como realizar tal empreitada se os professores e professoras em sua maioria não tinham acesso às inovações educacionais vigentes no país.

O regime instalado no país não pretendia fazer nenhuma reforma no ensino, com a justificativa que, uma reorganização na educação, acarretaria a custos altos. Mesmo assim, realizam mudanças, por exemplo, o ensino denominado primário passa a ser ensino fundamental dividido em elementar e complementar.

Por longos anos, as escolas permaneceram funcionando precariamente, mantidas pela prefeitura e particulares interessados. Desvalorização do professor na formação e remuneração. Conteúdos, resumindo-se a Língua Portuguesa, ler e escrever, e a matemática com as quatro operações: somar, subtrair, multiplicar e dividir, constituídos como fator principal para se aprender.

Portanto, comprometer-se favorecendo a educação, em qualquer nível de ensino, é um dos desafios que os governos brasileiros, federal, estadual e municipal, precisam urgentemente enfrentar, haja vista, tratar-se de uma antiga dívida com a população do país.

Ainda nesse contexto, todavia, no sentido de compreendermos a educação vivenciada naquela época, não só na visão do professor, mas, também, na visão do aluno, entrevistamos José Valdivino de Araújo, atualmente com 82 anos, que destaca o seguinte,

### **5.5 Os relatos do aluno José Valdivino de Araújo**

*Nasci em 01/05/1932, no lugarejo denominado Pegas. Criei-me na roça trabalhando com meu pai, e aos nove anos de idade, mais ou menos ele começou a se preocupar com os meus estudos. Naquela época era tudo muito difícil. Era do interesse do meu pai que minhas irmãs e eu estudássemos, a princípio ele nos ensinou, porém, indo a Taquaritinga, conseguiu a professora Mila Curvêlo, para nos ensinar, de modo particular. Mas, meu pai não conformado com a situação passou a insistir com o prefeito, o senhor Severino Cordeiro Arruda, até que enfim ele nomeou a nossa professora que passou a ensinar no Grupo Municipal Padre Istênio. Estudamos dois ou anos com ela. Minhas irmãs não se formaram porque naquele tempo, a professora era leiga. Assim, não existia formatura. Fez o curso primário, por isso, as minhas irmãs depois que terminaram o primário conseguiam, também, nomeações como professoras.*

As falas do aluno neste e os depoimentos a seguir comprova o que disseram as professoras, isto é, uma educação representada apenas pelos interesses políticos partidários e econômicos vigentes no país. Tal realidade, na prática, produziu a desqualificação profissional, não somente porque o profissional aqui é inferior às outras escolas, mas, por produzir um exército de reserva, com profissionais dispostos a qualquer serviço por qualquer salário.

Outro fato marcante da época é a função, da escola particular em alfabetizar e preparar as crianças para vida, durante muitas décadas, tendo em vista não haver uma rede de ensino público destinado a oportunizar para todos os alunos esse direito. Na realidade, durante quase toda a década de 1940, o ensino público ficou subordinado à lei de unificação do ensino primário, que impedia os municípios de organizar sua própria rede escolar (PILETTE, 1991). Só a partir da publicação do decreto nº 320, de 8 de janeiro de 1949, os municípios voltaram a desfrutar de autônoma para criar e manter instituições escolares.

Continuando com a entrevista, ainda sobre a educação, ele enfatiza que,

*Naquela época, em Varzinha, só existia uma escola pública, a professora era dona Liae, justamente ela, foi a professora da minha professora. Depois, surgiu outra escola, porém desta vez na Vila do Socorro, também conhecido como Picadas, a professora era Josefa Sabino Araújo.*

Realmente, o relato respalda a única preocupação dos responsáveis pelo ensino e apenas, ensinar o aluno/a ler e a escrever. Diante das limitações no ensino, ele não sabe informar o número de habitantes desse lugar nem das crianças em idade escolar, porque não aprendeu. Todavia, obtivemos esta informação, nas entrevistas com as professoras.

Outro ponto que nos chama a atenção é a preocupação, especificamente citada, apenas do pai, em iniciar o processo de alfabetização dos seus filhos, desde cedo. Pressupõe-se que, embora morando na zona rural, onde uma grande maioria, não dispunha de informações significativas, referentes à educação e ao trabalho, mesmo assim, tinham certo entendimento sobre a importância e contribuição da escola, na vida futura dos seus filhos.

Apesar de reconhecer as dificuldades existentes, implicitamente, ele considera o ensino muito bom, porque quem estudou naquela época aprendeu, porque a disciplina na sala de aula era considerada pelos alunos e pela professora, como algo essencial para a aprendizagem, o que garantia o desempenho de todos os alunos. Ele relembra a disciplina imposta com o uso da palmatória, ou seja,

*Estudar naquela época não era fácil. Os castigos eram feitos com a palmatória. A professora batia com a régua, na mesa, e nós, os alunos tinham que ficar em silêncio. E outra, a gente caminhava de casa a escola, mais de meia légua, a pé, com um saco de livro, com merenda e uma garrafa d'água. Voltávamos para nossas casas, 01h00minh da tarde, com um sol ardente novamente a pé. Mesmo assim, a gente aprendia certo.*

Uma vez compreendo que o ensino aprendizagem, não se constrói sem disciplina em sala de aula, o aluno acredita que resultado satisfatório, conseguido pelas as professoras, no sentido da aprendizagem do aluno/a, deve-se essencialmente, a sua dedicação, e respeito e, a uma disciplina rígida, inclusive com castigos. Assim sendo, as professoras, quanto mais rígidas mais valorizadas elas eram, o contrário nos dias de hoje, pois, talvez um dos entraves da aprendizagem esteja na falta de limites, dos pais, e dos professores.

No que diz respeito ao castigo por meio da palmatória, não nos resta nenhuma dúvida, ela ser considerada o símbolo de repressão marcante na educação dos anos de 1940-1960.

*A despeito das dificuldades existentes em relação ao mercado de trabalho, ele explicita, “Era tudo muito difícil, quem conseguia a nomeação para ser professora, pela prefeitura, ainda dava graças a Deus. É o caso de uma moça e das minhas irmãs. Uma ensinou em Taquaritinga, a outra ensinou no sítio Tatú”.*

O grupo escolar citado por ele é o Grupo Escolar Presidente Médici no distrito de Pão de Açúcar já citado anteriormente nesse trabalho, a “moça” ao qual ele se refere é a professora, uma das pessoas, da foto abaixo:



**Figura – 15 –Foto:Turma de alunos e a professora com o aluno José Valdivino de Araújo**  
**Fonte: Acervo pessoal de José Valdivino de Araújo**

Tal realidade não é tão diferente, do que ainda ocorre na atualidade, ou melhor, em escolas, principalmente, as da zona rural, funcionando com professoras sem a formação exigida para ensinar os anos iniciais do ensino fundamental, bem como, uma má remuneração. A afirmação, “e ainda dava graças a Deus”, também não é diferente, pois, ainda hoje, as professoras dizem a mesma coisa.

Segundo as experiências desse aluno o ensino primário era bastante procurado.

*Estudei aqui, depois fui para São Paulo, onde estudei na escola do SESI. Mas, eu só fiz o primário. Recordando as escolas existentes, na Vila do Socorro, no Sítio Tatu, em Amarela. Até então não tinha escola em Pão de Açúcar, se não estou enganado, a primeira escola de Pão de Açúcar é o Grupo Escolar construído em 1970.*

Quantas lembranças guardadas na memória do entrevistado, inclusive, a cada momento, ressaltando os locais das escolas e a importância do ato de estudar para aprender.

Antes de 1970 a educação brasileira já havia passado por várias mudanças, oficialmente legitimada primeiramente pela a LDB nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 e, depois nessa década foi estabelecida a Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, com a finalidade de modificar, a estrutura anterior do ensino, ou seja, a unificação dos cursos primários e ginásial em oito anos.

Mesmo assim, a realidade permanecia,

*Não tinha professora em Pão de Açúcar, havia professoras em Varzinha, Amarela, Lage, Vila do Socorro que era Picada e Tatú. Com a construção e funcionamento do grupo escolar Presidente Médici, muitas alunas terminaram o curso primário e, passaram a ensinar. O salário de uma*

*professora naquela época, era 50 mil reis, não era cruzeiro ainda, eram réis. Em razão das dificuldades de emprego, elas se sujeitavam a trabalhar com este salário, além do mais, era e um privilégio naquele tempo, ser professora. Elas haviam cursado até o terceiro ano primário, algumas, fez o cursinho de Admissão, curso preparatório para o ginásio, para aquelas que terminavam o curso primário. Não era como hoje, naquele tempo a gente no primário aprendia a somar, diminuir, multiplicar, divisor, mínimo múltiplo comum, máximo divisor comum, regra de três, juros e raiz quadrada. Quem cursava o primário era capaz de resolver qualquer operação matemática além de aprender a ler. A escola mantinha a disciplina, os meninos tinham que obedecer, havia ordem.*

Sobre a educação de hoje,

*Com certeza, hoje é muito melhor, é avançado, a ciência se multiplicou, tudo é mais fácil, o povo é que não sabe aproveitar. Sem dúvida, tudo evoluiu, O aluno hoje tem livro, merenda, médico, ônibus, bolsa família, porém, lhes falta o interesse de estudar. Se eu tivesse alcançado uma época como essa, eu era um doutor formado. Mas, mesmo com as dificuldades da minha época, graças a Deus não sou analfabeto.*

Enfim, o dito pelo entrevistado é uma realidade constatada no Brasil nos dias atuais, ou melhor, dizendo, muitas reformas são feitas na educação, muitas mudanças de currículo, de níveis de ensino, de anos de estudo, porém, entre outros, o desinteresse do aluno, ainda é um dos maiores gargalos, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental.

Diante do exposto, percebemos que, a educação de Taquaritinga do Norte-PE, passou por muitas dificuldades, seja no que se refere as questões estruturais, físicas, de organização, por exemplo, ambientes inadequados, falta de recursos didáticos, seja, na falta de professores qualificados, e mal remunerados. Entretanto, apesar de todas as dificuldades o fator primordial nessa perspectiva, nos leva a compreender que a educação é o elo que unia as pessoas num só propósito aprender a aprender e continua unindo seja de forma direta ou indireta estamos sempre aprendendo com as trocas de experiências entre os pares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, com as narrativas das professoras e um aluno, especificamente, entre os anos de 1940 – 1970 elegemos como prioridade, reconstruir através da história oral, o ensino primário como formação das professoras do município de Taquaritinga do Norte-PE, valendo-nos das suas experiências vivenciadas, como uma forma possível de alcançarmos respostas, sobre as questões que nos propomos investigar: como aconteceu seu ingresso na carreira docente? Como foi o início da carreira e como é agora? Como você avalia sua prática inicial em sala de aula? Quais as experiências mais marcantes desses primeiros tempos como professores?

Desde logo, através das entrevistas realizadas nos foi possível obter uma compreensão acerca de um período da História da Educação em que o acesso a escola é muito difícil, sobretudo, para as camadas menos favorecidas, tendo em vista, que o acesso dependia exclusivamente das condições financeiras dos pais dos alunos.

Os depoimentos evidenciam a presença marcante de princípios morais, e a precariedade do ensino básico ofertado nesse período em questão, ou ainda, a grande disparidade dos objetivos para a Educação Básica, realidades existentes, principalmente, em municípios do interior do Nordeste.

No entanto, podemos dizer que, essa pesquisa foi significativa no sentido de percebermos os avanços e retrocessos na educação, mesmo diante de tantos avanços tecnológicos. A Educação nesse município esteve por longos anos sob a responsabilidade das professoras leigas passando posteriormente para o Poder Executivo o que de certo modo impulsionou a mobilização da criação dos Cursos em Taquaritinga do Norte-PE como o Admissão, o que vem favorecer a formação e qualificação profissional das professoras existentes no lugar.

Constatamos que, a década de 1940 algumas mudanças começam a surgir como a construção do Grupo “Clara Camarão” e posteriormente dá oportunidade a comunidade de obter um Curso de 2º Grau além do Supletivo e o Ginásio Severino Pereira garantindo a formação escolar de qualidade nesse município. As Escolas Reunidas também vem proporcionar o desenvolvimento da educação para muitas crianças, além do Grupo Escolar José Bezerra de Andrade.

Contudo, as mudanças percebidas na educação somente serão de forma mais efetiva a partir da década de 1960-1970, com a legislação 4.024/61 e 5.692/71 que tem por objetivo garantir a educação dos cidadãos e um ensino gratuito.

Nas décadas seguintes referentes aos anos de 1970; 1980; 1990, a educação passa a receber mais incentivos financeiros e governamentais. Os governos municipal e estadual entendem a necessidade de investir na construção de escolas e oportunizar para as camadas populares condições de acesso à escolaridade.

Portanto, o estudo realizado oportunizou o contato direto com aqueles/aquelas, os atores principais dessa jornada em busca de dias melhores para a educação desse município. Os relatos orais nos deram os pormenores da realidade vivenciada numa época de tantas dificuldades para as comunidades, principalmente, para as crianças das famílias mais pobres que não podiam pagar uma professora particular.

Enfim, conseguimos de alguma forma, ser a história da educação de Taquaritinga do Norte-PE, contada e recontada como um meio de resgate da memória e registro de fatos históricos vividos pelo professorado deste lugar. Vale ressaltarmos que com o passar dos anos, avanços vêm ocorrendo, como a formação inicial de profissionais através do Curso de Licenciatura em Pedagogia no sentido de inovar as práticas pedagógicas. Todavia, são necessários recursos financeiros, para que possam assegurar as instituições educacionais, em de todos os níveis de ensino, condições para um ensino de qualidade para todos. A formação inicial e continuada é fundamental, porém, nenhuma escola se mantém sem recursos financeiros, visto que, ambos estão interligados para promoção dos alunos e alunas.

Aqui abrimos apenas uma porta para estudos e pesquisas futuras que podem dar continuidade a este trabalho. Vale salientar que contamos apenas os primeiros passos de uma educação e constituição escolar agrupada, que hoje caminha em passos modernizados, acompanhando o desenvolvimento da educação a nível nacional.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias gerar história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. **CLIO. Serie arqueológica**. Recife, v.15, n. 10, p. 39-45, 1994.

BOGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação matemática**: uma introdução a teoria e aos métodos. Trad. Maria J. Alvarez Sara B. Santos e Telmo M. Baptista. Porto Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei nº. 9.394 de 1996. Ministério da Educação e do Desporto.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: Assembleia constituinte, 1946.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.529, de 02 de Janeiro de 1946. Estabelece a Lei Orgânica do Ensino Primário. Diário Oficial da União - Seção 1, p.113. Rio de Janeiro, 04/01/1946.

\_\_\_\_\_. Lei n. 4024, de 20 de dezembro de 1961. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27/12/1961.

CONNELLY, F. M. e CLANDININ, D. J. Relatos de Experiência e Investigação Narrativa. In: J. Larrosa et alii, **Déjame que te Cuente**. Barcelona: EDITORIAL LAERTES, 1995.

FREIRE. P. **Pedagogia do oprimido**. 6ª Ed. São Paulo, Editora Paz e Terra. 1978.

HOLANDA, Ivanildo Coelho. **CENEC Um Estudo Histórico**. João Pessoa. Editora Universitária/UFPB, 1981.

IBGE **Resolução da Presidência do IBGE de nº 5 (R.PR-5/02)**. Visitado em 14 de Janeiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Estimativa Populacional 2015**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Visitado em 14 de janeiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Divisão Territorial do Brasil Divisão Territorial do Brasil e Limite Territoriais Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)** Visitado em 14 de janeiro de 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5 ed.. São Paulo: Atlas, 2011.

- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MATOS, K. S. L.; VIEIRA, S. V. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto. 1992.
- PILETTI, Nelson **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.
- PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, 1991..
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, USP. São Paulo, 1997.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80
- RANGEL, Elba Alonso. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional**. 2011. 43 p. Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 2011.
- RANGEL, Elba Alonso. Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional / Técnica em Assuntos Culturais Elba Alonso Rangel. – Rio de Janeiro : ESG, 2011. Disponível em <http://www.esg.br/images/Monografias/2011/RANGEL.pdf>. acesso: 14.08.2106.
- REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista**. Campinas, S.P.: Autores Associados, 1995.
- ROJAS, J. E. A. O indivisível e o divisível na história oral. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.
- ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- SACRISTAN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SILVA, Jânio Arruda da. **Fragments da História Nortetaquaritinguense**. Editora Comunicarte Recife –PE. 1993.
- SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA

DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRATICAS EDUCATIVAS”. Maringá- PR, 2007.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Estrutura e funcionamento da educação básica.** – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

## APÊNDICE

APÊNDICE 1  
ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA

A entrevista não seguiu uma sequência de perguntas ordenadamente, as questões eram postas pra as professoras informalmente, dando prosseguimento de acordo com o assunto abordado na ocasião. Foram vários temas abordados e por fim selecionamos aqueles que melhor poderiam nortear os trabalhos segundo os objetivos desta pesquisa. Dentre eles destacamos os seguintes:

1. De acordo com suas memórias: No seu tempo como era a educação das crianças?
2. Como era a metodologia de ensino?
3. A professora tinha Curso par lecionar?
4. Que tipo de Curso geralmente era exigido?
5. Como era a forma de pagamento?
6. Como eram contratadas as professoras?
7. Como eram as condições físicas da sala de aula?
8. Existia material didático?
9. E sobre o lanche?
10. E os meios de transporte para os alunos que moravam distante da cidade ou do sítio?
11. Segundo a sua opinião a educação melhorou para os alunos?
12. Quais as diferenças mais pontuais que se percebem atualmente em relação ao ensino?

OBRIGADA!